

convergência

JUNHO ▪ 1994 ▪ ANO XXIX N° 273

Santo Domingo e a vida religiosa na saúde

– Pe. Christian de Paul de Barchifontaine, MC

A dimensão missionária do projeto educativo da escola católica

– Ir. Suraya Benjamin Chaloub, FMS



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL	
"UM ANO MISSIONÁRIO"	257
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ	
INFORME CRB	259
PALAVRA DO PAPA	
CARTA ÀS FAMÍLIAS - I	262
SANTO DOMINGO E VIDA RELIGIOSA NA SAÚDE	266
Pe. Christian de Paul de Barchifontaine	
A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DO PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA CATÓLICA	274
Ir. Suraya Benjamin Chaloub, FMA	
A SEGUNDA IDADE: MUDANÇA E DESAFIO	280
Pe. Manoel Losada, OM	
ECOLOGIA E VIDA RELIGIOSA	293
Fr. José Alamiro A. Silva, OFM	
NOSSA EXPERIÊNCIA DE VIDA RELIGIOSA FEMININA APOSTÓLICA PÓS-CONCÍLIO	301
Grupo de Reflexão Teológica da UISG	
OS POBRES, O MELHOR CRITÉRIO CATEQUÉTICO	307
Fr. Bernardo Cansi, OFM Cap.	
HÁ 40 ANOS, EU VI NASCER A CRB!	318
Ir. Nilza Junqueira Reis, MR	

NOSSA CAPA

Detalhe do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, dos artistas populares Anderson Souza Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Após a restauração da Vida Religiosa, mediante vigoroso transplante de Congregações antigas e recentes da Europa para o Brasil, nasce uma nova caminhada. A criação da CRB, em 1954, preparou a Vida Religiosa para a marcha a que a Igreja se propõe na América Latina, nesta nova fase: participação do povo, ênfase em nossa realidade e olhos no Vaticano II, Medellín, Puebla, Direitos Humanos, Evangelii Nuntiandi... Religiosos (mulheres e homens) se misturam ao povo caminhando na mesma direção.

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 25,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 85,00

Número avulso (Brasil) US\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Atico Fassini, MS, Ir. Lina Boff, SMR e

Fr. Luis Fernando Peixoto, OFM

**DIREÇÃO, REDAÇÃO,
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelandia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

UM ANO MISSIONÁRIO

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Com a Vigília de Pentecostes deste passado mês de maio, deu-se a abertura do Ano Missionário da Igreja no Brasil rumo ao COMLA 5. Os Congressos Missionários Latino-americanos nasceram inspirados naqueles realizados no México e ganharam um caráter mais amplo a partir de 1977. Procuram ser um incentivo para tomar consciência da exigência evangélica da missão até os confins da terra. Por outro lado, no curto prazo, teremos agora em julho a "Segunda Semana Social Brasileira", promovida pela CNBB com o tema "Brasil: alternativas e protagonistas". O tema convida missionariamente a busca de alternativas, e ao mesmo tempo sugere que existem os protagonistas dispostos a implementá-las. Um país repensado com exigências éticas, tendo os excluídos como referência necessária para a validade das propostas. Uma boa parte da sociedade civil brasileira que nos últimos anos se reorganizou para cobrar coerência ética na prática política começa, agora, a se articular para propor soluções para o país, entendendo que assumir sua parcela de responsabilidade na elaboração de projetos políticos e na co-gestão da vida coletiva constitui contrapartida necessária à degradação dos poderes constituídos e ao descrédito nas instituições.

Neste quadro e diante de tais apelos, a vida religiosa é igualmente convocada a dar contribuição específica. Não basta denunciar a situação de miséria que oprime grandes majorias do povo brasileiro. Vive-

mos um novo momento que se caracteriza pela mobilização das forças participantes da construção do tecido social. Deve, assim, a vida religiosa perguntar-se uma vez mais sobre sua missão dentro da participação da missão universal da Igreja.

O método pastoral que predomina em muitos grupos de vida religiosa parece seguir à letra o envio de Mt 10,5-6: "Não se dirijam a terras estrangeiras nem entrem em cidades de samaritanos, mas vão primeiro em busca das ovelhas perdidas do povo de Israel". Há religiosos que carregam no próprio nome congregacional a nota "missionária". Apesar disso concentram a maior parte dos seus esforços "dentro de casa". Nem mesmo a idéia de "ovelhas perdidas" é recuperada, permanecendo a prestação de serviços àqueles e àquelas que nos procuram, ou que fazem parte dos "bons". Hoje os lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades, onde se forma o futuro das nações (RMI 37), e aquelas situações que atingem particularmente os mais pobres. Isto implica uma vida religiosa nova quanto ao sujeito, qualquer que seja o tipo de trabalho a que se disponha (saúde, educação etc.). Uma parte significativa da VR esteve e continua a estar no serviço das chamadas elites de nosso continente e realmente conseguiu sua incorporação à Igreja, sem entretanto chegar à renúncia de seus privilégios em favor da justiça. Santo Domingo, na linha da tradição dos últimos encontros de nossos bispos, não só confirmou essa opção ainda não suficientemente implementada, mas

propõe um novo passo ao falar do protagonismo próprio desses novos sujeitos históricos. Com isso, a ação missionária da vida religiosa é desafiada a assumir com novo ardor novos métodos de evangelização.

É aqui que se situa o presente número de CONVERGÊNCIA. A retomada da missionariedade da VR passa antes de tudo não por um projeto teórico, mas por pessoas concretas que necessitam de “mudança e desafio” a partir de onde se situam. Grande parte de nossas forças vivas estão na chamada “segunda idade”, que é analisada pelo Pe. Manuel Losada em seu artigo. Depois, quatro áreas diversas de ação são revistas: saúde, educação, ecologia, catequese. Pe. Christian, capelão no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, procura mostrar como o documento de Santo Domingo pode ajudar-nos a nos comprometer mais pessoal e comunitariamente com a Pastoral da Saúde ou toda pastoral que defende e promove a vida. Ir. Suraya, no texto “A Dimensão Missionária do Projeto Educativo da escola católica”, relembra que este tem sua especificidade – revela uma identidade; tem sua originalidade – cria uma pedagogia; e tem sua particularidade – conduz a uma proposta. Fruto de contribuição às reuniões

do grupo de reflexão da CRB-Nacional JUSSOL (Justiça e Solidariedade), Fr. Alamiro apresenta um envolvimento no mundo ecológico pelo exercício da profecia do anúncio e da denúncia. Por fim, Fr. Bernardo Cansi retoma o campo missionário da catequese e o que representa a guinada da opção preferencial pelos pobres para um modo de agir que parecia estático e voltado apenas para a reprodução no ensino dos conteúdos da fé. A presente edição de CONVERGÊNCIA completa-se ainda com o apanhado pós-conciliar da experiência da vida religiosa feminina tal como foi visto pelo grupo de reflexão teológica da União Internacional das Superiores Gerais, e a lembrança de Ir. Nilza Reis sobre o nascimento da CRB há quarenta anos passados.

O texto escrito não tem, em si, o poder de mudar a realidade. O texto de CONVERGÊNCIA só é transformador quando, da reflexão, leitores e leitoras como você são capazes de projetar no real o sonho do “Brasil que todos queremos”. Agora é o tempo favorável. Não faltam pessoas e grupos ansiosos em participar desse processo. Que o Senhor de todas as graças possa ser acolhido nesse toque que desloca “exodalmente” para que a MISSÃO continue acontecendo por meio de cada um de nós.

INDÍGENAS DE CHIAPAS — DEPOIMENTO DE UM RELIGIOSO MEXICANO QUE TRABALHA NO BRASIL

“FORAM EMPURRADOS ALÉM DA SUA PACIÊNCIA” (D. Samuel Ruíz G.)

“Nas eleições somos obrigados a votar no partido oficial, o PRI”, “O governo não gosta de que nos organizemos e querem fazer desaparecer nossas lideranças”, “Há repressão no campo e na cidade...”, “Não temos terra para trabalhar e tirar nosso sustento”, “Cada vez mais nossa gente se curva sob o peso dos preços caros, do desemprego, da injustiça crescente e miséria, há desnutrição e enfermidade geradas pela miséria...”

Estas são só algumas das denúncias feitas pelos indígenas, expressas pelo “Povo Crente” – Assembléia de Representantes dos leigos – no interior da diocese de São Cristovão de las Casas, Chiapas, e recolhidas na Carta Pastoral intitulada “En esta hora de gracia”, por Dom Samuel Ruíz (bispo da Diocese há trinta e três anos), com motivo da terceira visita do Papa João Paulo II às terras mexicanas e sua saudação “Aos povos indígenas do continente” (Agosto 93).

A voz de Dom Samuel tem alertado constantemente, e por diferentes meios, sobre a situação de deterioração crescente da vida dos povos indígenas em Chiapas, onde constituem a grande maioria duma população próxima aos 3 milhões de habitantes. O Centro de Direitos Humanos da Diocese que leva o nome do grande defensor dos índios, “Frei Bartolomeu de las Ca-

sas” (e primeiro bispo da Diocese), completa cinco anos de labor ininterrupto, recolhendo e denunciando as constantes e graves violações aos Direitos Humanos contra os mais pobres, na sua maioria indígenas. Expulsões, autoridades impostas, prisões arbitrárias contra quem se atreve a protestar são como “o pão de cada dia” na vida deste sofrido povo. O CDH, prestando um serviço ecumênico, é das poucas organizações independentes que continuam levantando a voz no meio duma situação de grande repressão oficial.

A posição oficial do governo no estado de Chiapas – que virou “conduta” faz muitos anos – não duvidou em acusar publicamente a Diocese de São Cristovão, o bispo, sacerdotes e diáconos como os causadores do levante armado, numa declaração irresponsável, nas primeiras horas do acontecimento (01/01/94). Não demorou muito para cair a cabeça do governador interino em Chiapas e do secretário do governo federal – que foi antes governador do estado –, ambos removidos dos seus cargos pelo presidente da República. A remoção do governador foi considerada como inconstitucional pelos partidos de oposição.

A Carta Pastoral de Dom Samuel e as denúncias que nela fez provocaram as pressões oficiais contra Dom Samuel e a Diocese. No mês de novembro do ano passado,

por pressão do próprio Nuncio Apostólico – D. Gerónimo Prigionne –, Dom Samuel foi “convidado” a renunciar à sede da Diocese. Diante da opinião pública, ficaram evidenciadas as pressões do secretário do governo (hoje demitido) contra Dom Samuel.

O levante armado pôs a descoberto um México “desconhecido” diante da opinião internacional, numa data em que oficialmente entrava a formar parte do “primeiro mundo”, pela aprovação do NAFTA (Tratado de livre comércio com os EUA e o Canadá). Pôs a descoberto o México do sul onde moram a maioria dos indígenas do país e que envolve vários estados: Chiapas, Oaxaca, Tabasco, Yucatán e Veracruz, com milhões de pobres e miseráveis, camponeses que na maior parte engrossam as filas dos que migram para as grandes capitais do país e os Estados Unidos. Estados do sul que paradoxalmente contêm vastíssimos recursos naturais, como é o caso do estado de Chiapas. Os grandes capitalistas, nacionais e estrangeiros, “estão de olho” no petróleo, hidrelétricas, florestas e selvas, produção agrícola e pecuária do estado. A “modernização” do sul deixa fora dos seus planos os pequenos camponeses e indígenas com culturas primitivas da terra. Na ótica do Neoliberalismo ficam, no melhor dos casos, como mão-de-obra barata, mas só até certo ponto, pois a modernização visa à tecnificação da agricultura empregando o menor número de trabalhadores agrícolas possível. A modificação da constituição permite agora a venda e aluguel das terras indígenas, o que favorece na prática uma maior concentração da terra em poucas mãos. Como se fosse pouco, Chiapas tem numerosos e espetaculares centros arqueológicos da antiga cultura Maia, constituindo um grande atrativo turístico. Neste item, de novo os indígenas ficam fora dos seus benefícios.

O levante armado mudou em poucos dias as perspectivas sociopolíticas do país. Diante da alta capacidade militar e da evidente preparação do EZLN (Exército

Zapatista de Libertação Nacional), somadas a um agudo conhecimento da realidade do país, os argumentos oficiais de que seria um “grupinho de terroristas dirigidos desde o exterior” caíram muito em breve por terra. Felizmente, o governo parou um desproporcionado e feroz ataque militar que atingiu principalmente os civis. Em pouco tempo ficou evidente que pela via militar o governo não resolveria o conflito. A opinião pública, nacional e internacional condenou o injustificável e indiscriminado bombardeio aéreo contra povoados inteiros. Os abusos dos militares contra a população civil colocou as grandes massas nas ruas das grandes cidades, exigindo o fim do massacre como apareceu nos jornais de todo o mundo, com um evidente desprestígio para o governo do presidente Salinas e a queda das possibilidades de investimentos estrangeiros no país.

A participação de grupos de Direitos Humanos internacionais e a repercussão nos seus países foi determinante no cessar-fogo. As imagens de Zapatistas feitos prisioneiros e executados com as mãos atadas, os abusos dos militares nos hospitais onde chegaram a atirar indiscriminadamente contra doentes e familiares horrorizaram a população civil dos Estados Unidos e do Canadá. Estavam conhecendo uma outra face do recém-estreado parceiro comercial.

As demandas por eleições limpas e transparentes se escutam por todos os cantos do México. Carlos Salinas iniciou seu governo sem base popular, enfraquecido pela opinião pública do país que o considerou como “ilegítimo”, depois de eleições cheias de irregularidades e denunciadas como fraudulentas pelos partidos de oposição. Seu governo dá continuidade a uma “Ditadura de partido”, há mais de sessenta anos no poder, sem “perder” nenhuma eleição. Esta será sem dúvida a “prova de fogo” da vontade política do governo para atingir as causas profundas da revolta armada.

A Igreja de São Cristovão, na pessoa do bispo Dom Samuel, tem ficado no meio do conflito ao ser aceita pelo EZLN como mediadora à mesa de negociações. O “embaixador da paz e da reconciliação” nomeado pelo governo, Manuel Camucho, precisa de verdadeiro apoio oficial para negociar.

O estouro social em Chiapas mostrou uma evidente falência do modelo neoliberal nos países latino-americanos por ser o México um país “modelo” na aplicação das receitas do FMI. Poucos dias depois da revolta em Chiapas, o presidente Menem

na Argentina colocou o exército nas ruas prevendo estouros sociais semelhantes.

Na carta pastoral de Dom Samuel, o povo expressa com clareza que “a situação de desespero que vivemos é o resultado do sistema econômico e político que nos oprime”, mas também acrescenta que “foi a palavra de Deus que nos libertou... Aí nos identificamos com os sofrimentos de Cristo”, e ao final conclui: “Parece que não há ressurreição para nós, mas não é assim. Não sabemos quanto tempo continuaremos com nosso sofrimento, mas teremos com certeza ressurreição”.

PALAVRA DO PAPA

CARTA ÀS FAMÍLIAS - I

QUERIDAS FAMÍLIAS!

1. A celebração do Ano da Família oferece-me o feliz ensejo de bater à porta da vossa casa, no desejo de vos apresentar as mais afetuosas saudações e conversar convosco. Faço-o por meio desta Carta, que inicio com as palavras da Encíclica *Redemptor Hominis*, publicada nos primeiros dias do meu Ministério Petrino. Escrevia então: o homem é a via da Igreja.

Com esta afirmação, queria sobretudo aludir às múltiplas estradas ao longo das quais caminha o homem, e, ao mesmo tempo, sublinhar quão vivo e profundo é o desejo da Igreja de o acompanhar no percurso das vias da sua existência terrena. A Igreja toma parte nas alegrias e nas esperanças, nas tristezas e nas angústias do caminho cotidiano dos homens, profundamente convicta de que foi o próprio Cristo Quem a introduziu em todas estas sendas: foi Ele que confiou o homem à Igreja; confiou-o como "via" da sua missão e ministério.

A FAMÍLIA: VIA DA IGREJA

2. Dentre essas numerosas estradas, a primeira e mais importante é a família: uma via comum, mesmo se permanece particular, única e irrepetível, como irrepetível é cada homem; uma via da qual o ser humano não pode separar-se. Com efeito, normalmente ele vem ao mundo no seio de uma família, podendo-se dizer que a ela deve o próprio fato de existir como homem. Quando falta a família logo à chegada da pessoa ao mundo,

acaba por criar-se uma inquietude e dolorosa carência que pesará depois sobre toda a vida. A Igreja une-se com afetuosa solicitude a quantos vivem tais situações, porque está bem ciente do papel fundamental que a família é chamada a desempenhar. Ela sabe, ainda, que normalmente o homem sai da família para realizar, por sua vez, num novo núcleo familiar, a própria vocação de vida. Mesmo quando opta por ficar sozinho, a família permanece, por assim dizer, o seu horizonte existencial, como aquela comunidade fundamental onde se radica toda a rede das suas relações sociais, desde as mais imediatas e próximas até as mais distantes. Porventura não usamos a expressão "família humana" para nos referir ao conjunto dos homens que vivem no mundo?

A família tem a sua origem naquele mesmo amor com que o Criador abraça o mundo criado, como se afirma já "ao princípio", no livro do Gênesis (1,1). Uma suprema confirmação disso mesmo é-nos oferecida por Jesus no Evangelho: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito, consubstancial ao Pai, Deus de Deus, Luz da Luz", entrou na história dos homens por meio da família: "Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, (...) amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado". Se é certo que Cristo "revela plenamente o homem a si mesmo", Ele o faz a começar da família onde escolheu

nascer e crescer. Sabe-se que o Redentor passou grande parte da sua vida no recanto escondido de Nazaré, “submisso” (Lc 2, 51) como “filho do homem” a Maria, sua Mãe, e a José, o carpinteiro. Essa sua “obediência” filial não é já a primeira manifestação daquela obediência ao Pai “até a morte” (Fl 2,8), por meio da qual redimiu o mundo?

O ministério divino da Encarnação do Verbo está, pois, em estreita relação com a família humana. Não apenas com uma – a de Nazaré –, mas de certa forma com cada família, analogamente a quanto afirma o Concílio Vaticano II do Filho de Deus que, na encarnação, “Se uniu de certo modo com cada homem”. Seguindo a Cristo que “veio” ao mundo “para servir” (Mt 20,28), a Igreja considera o serviço à família uma das suas obrigações essenciais. Neste sentido, tanto o homem como a família constituem “a via da Igreja”.

O ANO DA FAMÍLIA

3. Por isso mesmo, a Igreja saúda com alegria a iniciativa promovida pela Organização das Nações Unidas, de fazer de 1994 o Ano Internacional da Família. Tal iniciativa põe em realce o quanto seja fundamental a questão familiar para os Estados que são membros da ONU. Se a Igreja deseja tomar parte nela, faz isso porque ela mesma foi enviada por Cristo a “todas as nações” (Mt 28,19). Não é a primeira vez, aliás, que a Igreja assume como própria uma iniciativa internacional da ONU. Basta recordar, por exemplo, o Ano Internacional da Juventude em 1985. Também deste modo ela se faz presente no mundo, realizando a intenção grata ao Papa João XXIII e inspiradora da Constituição conciliar *Gaudium et Spes*.

Na festa da Sagrada Família de 1993, teve início em toda a Comunidade Eclesial o “Ano da Família”, como uma das etapas

significativas no itinerário de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, que assinalará o fim do segundo e o início do terceiro Milênio do nascimento de Jesus Cristo. Este Ano deve orientar nossos pensamentos e os nossos corações para Nazaré, onde, no passado dia 26 de dezembro, aquele foi oficialmente inaugurado com a solene Celebração Eucarística presidida pelo Legado Pontifício.

Ao longo deste Ano, é importante redescobrir os testemunhos do amor e da solicitude da Igreja pela família: amor e solicitude expressos desde os primórdios do cristianismo, quando a família era significativamente considerada como “igreja doméstica”. Nos nossos tempos, voltamos freqüentemente a esta expressão “igreja doméstica”, que o Concílio assumiu e cujo conteúdo desejamos que permaneça sempre vivo e atual. Este desejo esmorece com a consciência das novas condições das famílias no mundo de hoje. Por isso mesmo, é mais significativo que nunca o título escolhido pelo Concílio, na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, para indicar as tarefas da Igreja na situação atual: “A promoção da dignidade do matrimônio e da família”. Depois do Concílio, um outro ponto importante de referência é a Exortação apostólica *Familiaris Consortio*, de 1981. Neste texto, encara-se uma vasta e complexa experiência relativa à família, que, no meio de povos e países diversos, permanece sempre e em todo o lado “a via da Igreja”. De certo modo, torna-se-o ainda mais precisamente lá onde a família sofre crises internas, ou está sujeita a influências culturais, sociais e econômicas nocivas, que lhe minam a estabilidade interna, quando não obstaculizam mesmo a sua própria formação.

A ORAÇÃO

4. Com a presente Carta, quereria dirigir-me não à família “em abstrato”, mas a

cada família concreta de cada região da terra, qualquer que seja a longitude e latitude geográfica onde se encontre, ou a diversidade e complexidade da sua cultura e da sua história. O amor com que Deus “amou o mundo” (Jo 3,16), o amor com que Cristo “amou até o fim” a todos e cada um (Jo 13,1), torna possível dirigir esta mensagem a toda a família, “célula” vital da grande e universal “família” humana. O Pai, Criador do universo, e o Verbo encarnado, Redentor da humanidade, constituem a fonte desta abertura universal aos homens como a irmãos e irmãs, e impele a abraçá-los todos com a oração que começa pelas ternas palavras: “Pai nosso”.

A oração faz com que o Filho de Deus habite no meio de nós: “Onde estiverem reunidos, em meu Nome, dois ou três, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20). Esta Carta às Famílias quer ser sobretudo uma súplica dirigida a Cristo, para que permaneça em cada família humana; uma súplica feita a Ele, por meio da família restrita dos pais e filhos, para que habite na grande família das nações, a fim de que todos, juntos com Ele, possamos dizer com verdade: “Pai nosso”! É preciso que a oração se torne o elemento predominante do Ano da Família na Igreja: oração da família, oração pela família, oração com a família.

Significativo é que, precisamente na oração e pela oração, o homem descubra, de modo tão simples e ao mesmo tempo profundo, a sua típica subjetividade: na oração, o “eu” humano percebe mais facilmente a profundidade do seu ser pessoa. Isto vale também para a família, que não apenas é a “célula” fundamental da sociedade, mas possui mesmo uma própria e peculiar subjetividade. Esta obtém a sua primeira e fundamental confirmação e consolida-se, quando os membros da família se encontram na invocação comum: “Pai nosso”. A oração reforça a estabilidade e a solidez espiritual da família, ajudando a

fazer com que esta participe da “fortaleza” de Deus. Na solene “bênção nupcial” durante o rito do matrimônio, o celebrante invoca deste modo o Senhor: “Infunde sobre eles (os recém-casados) a graça do Espírito Santo, a fim de que, em virtude do teu amor derramado nos seus corações, perseverem fiéis na aliança conjugal”. É dessa “efusão do Espírito Santo” que dimana a força interior das famílias, bem como o poder suscetível de as unificar no amor e na verdade.

O AMOR E A SOLICITUDE POR TODAS AS FAMÍLIAS

5. Que o Ano da Família se torne uma comum e incessante oração de cada uma das “igrejas domésticas” e de todo o Povo de Deus! Desta oração, beneficiem-se também as famílias em dificuldade ou em perigo, as famílias desanimadas ou divididas e aquelas que se encontram nas situações que a *Familiaris Consortio* qualifica como “irregulares”. Possam sentir-se todas abraçadas pelo amor e pela solicitude dos irmãos e das irmãs!

A oração, no Ano da Família, constitua sobretudo um testemunho encorajador por parte das famílias que realizam na comunhão doméstica a sua vocação de vida humana e cristã. E são tantas em cada nação, diocese e paróquia! Pode-se razoavelmente pensar que elas constituem “a regra”, mesmo tendo presente as não poucas “situações irregulares”. E a experiência demonstra como o papel de uma família coerente com a norma moral é importante para o homem, que nela nasce e se forma, ingressar sem hesitações pela estrada do bem, inscrito sempre no seu coração. Nos nossos dias, infelizmente, vários programas sustentados por meios muito poderosos parecem apostados na desagregação das famílias. Às vezes, até parece que se procura, por todas as formas possí-

veis, apresentar como “regulares” e atraentes, conferindo-lhes externas aparências de fascínio, situações que, de fato, são “irregulares”. Estas, efetivamente, contradizem a “verdade e o amor” que devem inspirar e guiar a recíproca relação entre homens e mulheres, sendo assim causa de tensões e divisões nas famílias, com graves conseqüências, especialmente para os filhos. Fica obscurecida a consciência moral, aparece deformado o que é verdadeiro, bom e belo, e a liberdade acaba suplantada por uma verdadeira e própria escravidão. Perante tudo isto, como ressoam atuais e incentivadoras as palavras do apóstolo Paulo acerca da liberdade com que Cristo nos libertou, e da escravidão causada pelo pecado! (cf. Gl 5,1).

Damo-nos, assim, conta de quanto é oportuno e até necessário na Igreja um Ano da Família; quão indispensável é o testemunho de todas as famílias que vivem dia a dia a sua vocação; quanta urgência existe de uma grande oração das famílias, que aumente e atravesse o mundo inteiro, e na qual se exprima a ação de graças pelo amor na verdade, pela “efusão da graça do Espírito Santo”, pela presença de Cristo entre os pais e os filhos: Cristo Redentor e Esposo, que “nos amou até ao fim” (cf. Jo 13,1). Estamos intimamente persuadidos de que este amor é maior que tudo (cf. 1Cor 13,

13), e cremos que ele é capaz de superar vitoriosamente tudo o que não é amor.

Neste ano, eleve-se incessante a oração da Igreja, a oração das famílias, “igrejas domésticas”! E faça-se ouvir primeiro a Deus e depois também aos homens, para que estes não caiam na dúvida, e quantos vacilam por causa da fragilidade humana não cedam à sedução tentadora de bens só aparentes, como são aqueles propostos em toda a tentação.

Em Caná da Galiléia, onde Jesus foi convidado para um banquete de núpcias, a sua Mãe, também Ela presente, dirigiu-se aos serventes, dizendo: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Também a nós, entrados no Ano da Família, Maria nos dirige as mesmas palavras. E aquilo que Cristo nos diz, neste momento histórico particular, constitui um forte apelo a uma grande oração com as famílias e pelas famílias. Por esta oração, a Virgem Mãe convida a unirmo-nos aos sentimentos do Filho, que ama cada uma das famílias. Este amor foi por Ele expresso ao início da sua missão de Redentor, precisamente com a sua presença santificadora em Caná da Galiléia, presença que ainda agora continua.

Rezemos pelas famílias de todo o mundo. Por Ele, com Ele e n’Ele, rezemos ao Pai, “do Qual toda a paternidade, nos Céus como na Terra, toma o nome” (Ef 3,15).

SANTO DOMINGO E VIDA RELIGIOSA NA SAÚDE

Pe. Christian de Paul de Barchifontaine
São Paulo/SP

Uma característica do(a) Religioso(a) que trabalha na área da Saúde: ser capaz de traduzir ternura humana em gestos de solidariedade, o amor de Jesus para com os pobres.

INTRODUÇÃO

Seguindo o exemplo de Jesus, a Igreja, ao longo dos séculos, procurou responder às necessidades dos doentes em maneiras que corresponderam à realidade sociocultural de cada época. Em geral, até o século XIX, a assistência caritativa era orientada principalmente para os pobres, incuráveis, leprosos e órfãos.

Desde os primeiros, a presença da Igreja foi marcante pela instituição da diaconia e de "hospícios" para peregrinos. Mais tarde, durante a reforma católica na Europa, a presença se faz sentir no trabalho de numerosas congregações religiosas dedicadas ao serviço dos doentes e inspiradas por grandes santos da caridade, tais como São João de Deus, São Camilo de Lellis e São Vicente de Paulo.

Hoje, embora o Estado tenha assumido a responsabilidade pelos serviços anteriormente desempenhados pela Igreja, ela continua a estar presente no mundo da saúde, particularmente por meio de instituições

próprias e pastorais específicas onde a vida é ferida ou aniquilada.

É dentro do horizonte mais vasto da reflexão teológica e pastoral de hoje, quando a hierarquia da Igreja se posicionou mais uma vez em Santo Domingo ante a realidade quase sempre a mesma da América Latina, e quando toda a comunidade cristã se prepara para o Sínodo dos Bispos deste ano sobre o papel dos religiosos na missão da Igreja, que partilho essas considerações sobre Santo Domingo e Vida Religiosa na Saúde.

Num espírito de Igreja, começarei pelos documentos diretamente dirigidos à Igreja no Brasil; em seguida, com base no Documento de Santo Domingo, farei referência aos artigos que tocam a promoção humana e mais especificamente os artigos que defendem e promovem a vida, e partilharei algumas reflexões sobre o sofrimento. Para terminar, lembrarei o que se entende hoje por Pastoral da Saúde e quais são seus objetivos. Como conclusão, farei referência à Identidade do discípulo de Jesus, dos (as) religiosos (as) na área da saúde.

I. DOCUMENTO DA IGREJA NO BRASIL

1. DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA NO BRASIL (1991-1994)

Documentos da CNBB, nº 45.

Objetivo Geral: Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando

Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do reino definitivo.

No número 09 do referido Documento, os bispos especificam o que significa EVANGELIZAR: "Evangelizar é colocar a Boa Nova como fonte de esperança no meio de tantos conflitos que surgem no coração do homem e na sociedade desigual e impedem a realização do projeto de Deus".

Hoje, a partir de Santo Domingo, usa-se a palavra EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA. O Pe. Francisco Taborda, na revista CONVERGÊNCIA, 264 [1993] 355-56, comenta: "... através da temática da inculturação entra em nossa tradição a opção pelo diferente. Nas atividades pastorais e nos respectivos planos já não será suficiente usar mediações socioanalíticas. Elas continuam necessárias e imprescindíveis, mas será preciso associar-lhes mediações culturais e antropológicas. A inculturação nas culturas indígenas e afro traz para a Igreja uma exigência nova. A temática referente a esses grupos já não poderá ser preocupação só de grupos específicos como o CIMI e os APN (Agentes de Pastoral Negros), mas deverá estar presente na totalidade da atuação e do planejamento pastorais. A evangelização inculturada é ainda um caminho a percorrer, um longo caminho. Há muito a trabalhar não só para que a Igreja se expresse nas diversas culturas, mas mesmo para que supere preconceitos de cultura, raça, gênero, idade... Há muito a fazer não só para penetrar nas culturas tradicionais indígenas e afro mas nas culturas emergentes do jovem, da cidade, da mulher...".

2. OBJETIVO GERAL DA CRB

(Conferência dos Religiosos do Brasil)

O objetivo geral da CRB está em sintonia com as Diretrizes Gerais da Ação

Pastoral da Igreja no Brasil (CNBB). O objetivo geral da CRB para o triênio 1992-1995 é o seguinte: *Aprofundar, em todos os níveis, a identidade da vida religiosa no seguimento de Jesus pobre, em sua preferência pelos pobres, no dinamismo profético dos carismas específicos em comunhão com todo o povo de Deus e os pastores a serviço da vida, da justiça e da esperança.*

II. DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO - DSD

Para ajudar a nossa reflexão, é bom lembrar de alguns artigos do DSD que falam diretamente da missão e do carisma. Encontramos esses artigos na segunda parte do Documento, no Capítulo 2, a PROMOÇÃO HUMANA. Na apreciação de muitos, nesse capítulo houve um avanço enorme sobre as outras Conferências ao colocar a Promoção Humana como *Uma* forma de Evangelização.

1. No item consagrado aos Direitos Humanos, nos desafios pastorais, o nº 167 enfatiza: "Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, repressão, assassinatos, mas também pela existência de condições de extrema pobreza e de estruturas econômicas injustas que originam grandes desigualdades. A intolerância política e o indiferentismo diante da situação de empobrecimento generalizado mostram desprezo pela vida concreta que não podemos calar". Nas linhas pastorais, o nº 168 nos convida a: "Promover de modo mais eficaz e corajoso os direitos humanos, a partir do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja, com a palavra, a ação e a colaboração, comprometendo-se na defesa dos direitos individuais e sociais do homem, dos povos, das culturas e dos setores marginalizados, bem como dos desprotegidos e dos presos, e comprometer-se com a defesa da vida desde o primeiro momento da concepção até seu último alento".

2. No item consagrado ao Empobrecimento e Solidariedade, na justificativa da problematização, o nº 178 nos lembra: “Evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando mostrou na sinagoga que veio para ‘evangelizar os pobres (Lc 4,18-19). Ele se fez pobre, embora fosse rico, para nos enriquecer com sua pobreza (2Cor 8,9). Ele nos desafia a dar testemunho autêntico de pobreza evangélica em nosso estilo de vida e em nossas estruturas eclesiais, tal qual Ele fez. Esta é uma fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla. Sob a luz desta opção preferencial, a exemplo de Jesus, nos inspiramos para toda ação evangelizadora comunitária e pessoal. Com o ‘potencial evangelizador dos pobres’ (Puebla, 1147), a Igreja pobre quer impulsionar a evangelização de nossas comunidades. Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem mas não cumprem; os rostos humilhados por causa de sua própria cultura que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos aterrorizados pela violência diária e indiscriminada; os rostos dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob nossas pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente. O amor misericordioso é também voltar-se para os que se encontram em carência espiritual, moral, social e cultural”.

Nas linhas pastorais, por meio dos nºs 180 e 181, somos convidados a:

– Assumir com decisão renovada a evangélica opção preferencial pelos pobres, seguindo o exemplo e as palavras do Senhor Jesus, com plena confiança em Deus, austeridade de vida e partilha de bens.

– Privilegiar o serviço fraterno aos mais pobres entre os pobres e ajudar as instituições que cuidam deles: os deficientes, enfermos, idosos solitários, crianças abandonadas, presos, aidéticos e todos aqueles que requerem a proximidade misericordiosa do “bom samaritano”.

– Corrigir atitudes e comportamentos pessoais e comunitários, bem como as estruturas e métodos pastorais, a fim de que não afastem os pobres, mas que propiciem a proximidade e a partilha com eles.

– Promover a participação social junto ao Estado, pleiteando leis que defendam os direitos dos pobres.

– Fazer de nossas paróquias um espaço para a solidariedade.

– Apoiar e estimular as organizações de economia solidária, com as quais nossos povos tratam de responder às angustiosas situações de pobreza.

– Urgir respostas dos Estados para as difíceis situações agravadas pelo modelo econômico neoliberal, que afeta principalmente os mais pobres. Entre essas situações, é importante destacar os milhões de latino-americanos que lutam para sobreviver na economia informal.

3. No item “Desafios à família e a vida hoje”, o nº 219 nos convida a refletir no seguinte: “A cultura da morte nos desafia. Com tristeza humana e preocupação cristã, somos testemunhas das campanhas antivida, que se difundem na América Latina e no Caribe, perturbando a mentalidade do nosso povo com uma cultura de

morte. O egoísmo, o medo do sacrifício e da cruz unidos às dificuldades da vida moderna geram uma rejeição do filho que não é responsável e alegremente acolhido na família, mas considerado como um agressor. Atemorizam-se as pessoas com um verdadeiro 'terrorismo demográfico' que exagera o perigo que o crescimento da população pode representar para a qualidade de vida. A cada dia é maior o massacre do aborto, que produz milhões de vítimas em nossos países latino-americanos. A mentalidade antivida, além da eutanásia pré-natal, leva à eliminação de crianças recém-nascidas e dos idosos e enfermos tidos como inúteis, defeituosos, ou 'peso' para a sociedade. Outras expressões da cultura de morte são a eutanásia, a guerra, a guerrilha, o seqüestro, o terrorismo, o narcotráfico".

NA CONVERGÊNCIA 264 [1993] 354-55, no primeiro balanço de Santo Domingo, o Pe. Taborda diz no seu comentário sobre o tema da defesa da vida: "Superficialmente a defesa da vida pode parecer comprometida unicamente com a luta contra o aborto e a eutanásia. Na realidade a cultura da vida abrange tudo que leva à vida, e a 'anticultura da morte' tudo que conduz à morte. Em alguns momentos, o DSD, seguindo o Discurso Inaugural do Papa (DI 18), explicita outros aspectos: guerra, guerrilha, seqüestros, narcotráficos. Mas na realidade a 'anticultura da morte' abrange todo o negativo de que fala o capítulo sobre promoção humana, o desrespeito aos direitos humanos, a destruição do ecossistema, a falta de terra para assentar os trabalhadores rurais, o empobrecimento, o desemprego, as migrações, a corrupção, o neoliberalismo etc. Defesa da vida é, pois, ir contra tudo isso".

III. VIDA RELIGIOSA E SOFRIMENTO

Aproveitando o quadro deste artigo, gostaria de tecer algumas considerações so-

bre o sofrimento e o seu sentido a partir de um artigo de Xavier Thevenot: "No coração do sofrimento: a Esperança." In: REPSA, 325 [1989/1] 45-58.

1. SOFRER

Existem muitas maneiras de sentir o sofrimento. Basta enxergar ao meu redor.

Há, antes de tudo, o sofrimento físico: as doenças não acabam mais e envenenam a vida cotidiana; aquelas que apresentam uma grave ameaça; um câncer ou problemas cardíacos; a velhice que pesa sobre todas as coisas e pouco a pouco debilita; e depois as dores intensas sobre as quais os médicos são totalmente impotentes: enxaquecas, reumatismo...

Mas o sofrimento psíquico existe também, muitas vezes vivido como uma desonra. Milhares de pessoas enfrentam depressões que não acabam mais. Imenso sentimento de finitude. Outras sentem "feridas" psíquicas infantis voltando sem cessar. Certas se debatem com um problema de alcoolismo ou com angústias contínuas. Numerosas pessoas são angustiadas por dificuldades psicosexuais, relacionais, genitais. Há também aquelas que sofrem muito pelo falecimento do cônjuge. Há o sofrimento de pessoas olhando para si mesmas com uma indiferente frieza. Enfim, pensemos no sofrimento extremo das pessoas que se sentem abandonadas de todos.

Estão ainda presentes sofrimentos de origem social: desemprego, falta de moradia, fome, injustiça pela qual passam os que lutam em favor da justiça no seu meio de trabalho etc...

Enfim, há os sofrimentos espirituais: as crises de fé. Uma fé vacilante por ocasião de momento difícil ou dramático. Uma fé questionada pelo cansaço extremo gerado por um incessante combate para restabelecer a esperança. Há também sentimentos de culpa difíceis de superar. Sem contar

todas as dificuldades da vida relacional no dia-a-dia.

Pois cada um viveu ou está vivendo tais sofrimentos e, o que é mais doloroso ainda, no anonimato, no segredo.

2. ANTE TANTO SOFRIMENTO, QUE SE PASSA?

2.1. Sentimento de estranheza de si mesmo: "Não me entendo mais. Sou outro, diferente do que era antes de sofrer. É como se eu tivesse outro dentro de mim. O sofrimento, quando é forte, me possui, me viola. Não sou mais dono de mim, e isso é muito duro".

2.2. Uma solidão extrema nos invade. Quem pode acompanhar-me no meu sofrimento? Todas as palavras a mim dirigidas soam mais ou menos falsas. Alguma coisa está acima das palavras, acima das linguagens. Sinto-me só. Quem pode entender o que há de único no mundo, meu drama interior, minha prova física, psíquica?

Então, existe a tentação de fechar-me nesta solidão. Porém, no mesmo movimento, um cantinho de mim mesmo queria comunicar-se. Estou preso entre esses dois pólos.

2.3. Sobretudo, quando se sofre muito, isso nos parece besta e absurdo. O que fazia minha alegria de viver: meu corpo, minha família, meus filhos, minha fé cristã, é justamente tudo isso que hoje me desequilibra. Todas as minhas certezas fáceis, como o amor e a fé, caem. Então para onde ir para não me afogar? Se sou cristão, tento encontrar o sentido do que me acontece.

Ouçó o que se diz do sofrimento ao meu redor: as pessoas com saúde boa me são um insulto porque esbanjam saúde, alegria de viver. Pessoas que têm explicações do sofrimento. Teólogos, sacerdotes, amigos bem-intencionados que me fazem discursos bonitos, belas teorias.

3. DISCURSOS BONITOS E BELAS TEORIAS

"Sabe, você sofre, mas saiba que Deus prova especialmente aqueles que ele ama, é um sinal do seu amor privilegiado por você". É uma primeira reflexão ouvida nos meios cristãos. Claro, eu sei, se sou um bom pai ou uma boa mãe, que para criar os filhos é preciso de vez em quando frustrá-los, impor-lhes momentos duros, com o objetivo de cultivar a vontade, educar os desejos. Mas eu sei também que nunca devo impor aos meus filhos, arbitrariamente, sofrimentos que os esmaguem, que os mutilem, que quebrem o gosto de viver e os relacionamentos.

Então, este tipo de reflexão segundo a qual Deus nos mandaria esses sofrimentos porque nos ama parece insuportável. Como se, ser preferido de Deus, é tornar-se mutilado do gosto de viver: Onde está a palavra de Cristo? "Vim para que todos tenham a vida em abundância. Eu vos dou minha alegria. Minha alegria, ninguém poderá vos roubá-la". Não, esse tipo de teoria por certo não é conforme a um verdadeiro cristianismo alegre – só porque o sofrimento serve para salvar o mundo. Seu sofrimento é redentor". Num primeiro tempo, fico agarrado a esse tipo de convicção; pelo menos, ela me mostra que meu sofrimento, que aparentemente serve para nada, a não ser me desesperar, é útil a alguém. Mas rapidamente surge a dúvida.

De fato, o sofrimento isola, deprime, quebra as forças de vida, de vez em quando pesa sobre as pessoas que me cercam e, nos casos mais fortes, me faz até desejar acabar com os meus dias. O sofrimento desumaniza! Então, como se pode dizer que o que desumaniza é libertador, está salvando o mundo, é redentor? O câncer de alguém poderia contribuir para libertar os outros? O sofrimento de uma criança inocente poderia ser libertador de alguém? Há

alguma coisa de horrível em dizer essas coisas, até é errado.

E, depois de um certo momento, estou com vontade de me juntar aos meus amigos descrentes que me dizem: "Mas como você pode pensar que o sofrimento redime o mundo, quando ele o esmaga tanto? Os sacerdotes contam qualquer coisa".

O outro discurso ouvido é: "Você sofre? Então, ofereça seus sofrimentos a Deus". A atitude procurada é "oferecer sua vida a Deus, mesmo desfigurada pelo sofrimento. Mas, tomada ao pé da letra, essa fórmula: "Ofereça seus sofrimentos" refere-se a um Deus pelo menos curioso. De fato, o sofrimento é o quê? É o mal. Então, qual seria esse Deus, esse Pai cujo prazer seria receber como presente o que é mal, o que é desumanizante, o que mutila? Não seria um Deus perverso?

Assim, quando eu sofro, não é fácil achar o sentido do meu sofrimento, e quando tento acho no meu caminho palavras de certos cristãos que me parecem em parte erradas. Palavras que, finalmente, não facilitam a tarefa de reconquista de mim mesmo que tento viver no coração da prova.

4. O DESESPERO

É uma reação freqüente descrita na Bíblia. O profeta Jeremias acaba por amaldiçoar o dia em que sua mãe o colocou no mundo. "Se pudesse não ter nascido", que desespero dizer isso! Quantas vezes ouvimos isto: "Seria melhor para mim não ter existido, estou de mal com meus pais por me terem concebido". Uma das reações diante do sofrimento é o sentimento de abandono, de solidão: tudo escapa, tudo quebra. Então, que fazer? Aqui, somos fracos porque até o amor parece não existir mais. Em primeiro lugar, é preciso bom-senso da parte das pessoas que tentam ajudar essas pessoas. E, antes de tudo, saber reconhecer que algumas vezes estamos

diante de um problema físico de depressão. Precisa-se então recorrer a medicamentos que são uma muleta provisória, mas necessária, para reequilibrar-se. Quando estamos diante de uma verdadeira depressão, é inútil lutar somente a soco de espiritualidade. Mas, mesmo que se tivesse superado a fase puramente depressiva, que se tivesse recebido a ajuda com medicamentos ou uma psicoterapia, ficaria ainda o problema da angústia humana, que nenhuma solução médica fará desaparecer. A angústia de dizer: "Mas por que fui atingido assim"?

Nesses momentos, cristianizar o sofrimento é se fazer suplicante diante de Deus. Releiamos estes salmos que dizem: "Do fundo do abismo".

Essa palavra abismo é muito forte. Nesses momentos de desespero é preciso ter a coragem, a ascese de exercitar minha memória sobre o que Deus fez por mim, porque afinal, é certo, sofro, passo por um sentimento de abandono, mas é difícil encontrar pessoas que podem dizer: "Tudo foi um fracasso na minha vida". Houve também momentos de alegria, de êxito. É preciso saber enxergá-los. Mas é certo que para um grande número de pessoas, quando o desespero é forte, mesmo esse olhar não é mais possível. Acontece também que o fato de olhar o que há de positivo na sua vida esmaga ainda mais um pouco. É por isso que é tão difícil. Em todos os casos, precisamos contemplar o rosto de Jesus que trava o combate da esperança no coração do sentimento do abandono. Jesus não faz o iluminado, ele não diz àqueles que estão ao pé da Cruz: "Olhem como estou sofrendo bem". Ele tem a ousadia de dizer a verdade, e a palavra de Paulo se aplica muito bem a Jesus: "É quando estou fraco que então me sinto forte".

Enfim, é sobretudo nesses momentos de desespero que precisamos ter a coragem de dar o primeiro passo. Precisamos então pedir a Deus a força para nos apro-

ximar do outro e lhe dizer: "Sabe, estou afundando". É muito importante porque há uma única maneira de acreditar ainda no amor quando desesperarmos, é experimentar a presença de alguém, perto de nós, humildemente, que está aí respeitando-nos. Quando desespero, quando o amor parece longe, a única maneira de acreditar que o Amor e Deus existem é experimentar que existe uma pequena fonte de amor para mim, aqui e agora: a presença de um amigo. Então, se existe uma pequena fonte de amor, talvez exista uma grande fonte de amor que a alimenta.

IV. PASTORAL DA SAÚDE

É no espírito desses documentos da Igreja e da reflexão sobre o sofrimento que nós devemos entender e praticar a Pastoral da Saúde. Hoje, como entender o que é Pastoral da Saúde e quais são os seus objetivos?

1. QUE É PASTORAL DA SAÚDE?

É a ação orgânica de todo o Povo de Deus, tornando presente no mundo de hoje a ação libertadora do Cristo na área da saúde, nas seguintes dimensões:

a) Saúde Comunitária: processo educativo, participativo e transformador (dimensão educativa preventiva);

b) Pastoral dos Enfermos: vivência da solidariedade junto aos doentes, no hospital, em casa e na comunidade (dimensão solidária);

c) Pastoral da Saúde institucional: atua junto aos órgãos e instituições que prestam serviço e formam profissionais na área da saúde (dimensão política).

2. OBJETIVOS

a) Objetivo geral:

– Contribuir na promoção da saúde em todas as suas dimensões, para que as pes-

soas possam ter na sua realidade, vida em abundância, sinal do Reino de Deus entre nós.

b) Objetivos específicos:

– Fortalecer a conscientização sobre os direitos à vida e deveres de lutar por condições dignas de viver: terra, trabalho, salário justo, habitação, alimentação, lazer, transporte, educação, saneamento básico e participação no poder de decisão.

– Incentivar o povo a ser sujeito na conquista de sua saúde, ajudando-o no processo de conscientização das implicações individuais, familiares e comunitárias da saúde.

– Capacitar o povo para desenvolver ações básicas de saúde, investindo na formação de agentes indicados pela própria comunidade.

– Apoiar a organização do povo na reivindicação de seus direitos, especificamente o direito a saúde.

– Participar, ativa e criticamente, nas instâncias oficiais que decidem a política de saúde da nação, Estado, região e município.

– Articular a saúde comunitária com as instituições de saúde, movimentos e organizações que visam a promover a vida.

– Resgatar e valorizar a sabedoria popular, sua fé e religiosidade, relacionada com as curas e utilização dos dons da mãe natureza.

– Privilegiar a educação transformadora, a partir da comunidade, sob o critério da justiça, solidariedade e mística.

– Preparar agentes de Saúde para anunciar a Boa Nova ao homem, diante do sofrimento, da doença e da morte.

– Proporcionar assistência psicoespiritual aos enfermos internados, em domicílio e na comunidade.

– Atuar junto aos profissionais da saúde no seu processo de formação e atuação concreta, objetivando o cultivo de valores éticos, humanos e cristãos.

CONCLUSÃO

Como conclusão, gostaria de apontar algumas características do (a) religioso (a), dos discípulos de Jesus na área da saúde. É claro que esse perfil é um ideal, mas um ideal do qual devemos aproximar-nos cada vez mais. O discípulo de Jesus, a Comunidade religiosa é aquela que:

1. Reza porque percebe a urgência do projeto de Deus (Jo 10,10). O projeto vem de Deus. A oração faz ressaltar que a missão dos cristãos, e dos religiosos mais especificamente, é graça que vem de Deus.
2. Anuncia o Reino de Deus numa sociedade conflitiva como a nossa.
3. Vive pobremente: todos devem viver na partilha perfeita dos bens.

4. Não visa a lucros: o acúmulo de bens perverte o projeto de Deus, confundindo-o com a sociedade que persegue e mata os pobres, como perseguiu e matou Jesus.
5. Preocupa-se em integrar os marginalizados (pobres, deficientes físicos e mentais, aqueles que não encontram um sentido na vida, os doentes...)
6. Não faz média com a sociedade que rejeita o projeto de Deus: é profeta.
7. Desenvolve competência e humanismo nas suas respectivas profissões.
8. Promove a paz, que é a plenitude dos bens da nova sociedade: inaugura novo tipo de relação entre os seres humanos.
9. É capaz de traduzir ternura humana em gestos de solidariedade, o amor de Jesus para com os pobres: doentes, deficientes, doentes de AIDS, entre outros.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Para mim e para minha comunidade, que significa ter saúde?
2. Como estamos vivendo o sofrimento pessoal e o dos outros que acompanhamos?
3. Como o Documento de Santo Domingo pode ajudar-nos a nos comprometer mais pessoal e comunitariamente com a Pastoral da Saúde ou toda pastoral que defende e promove a vida?

A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DO PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA CATÓLICA

Ir. Suraya Benjamin Chaloub, FMA

A escola católica deixou de ser "confessional" e passou a se afirmar "católica", isto é, aberta a todos, desde que escolham e aceitem o caráter específico de seu projeto educativo.

Estamos vivendo uma evolução histórica acentuadamente rápida, uma transformação brusca das realidades cósmicas, biológicas e socio-culturais. Inesperadamente presenciamos o desmoronar de regimes políticos e sistemas econômicos que acreditávamos sólidos e inconcussos: foi uma fragmentação vertiginosa com repercussões de incalculável alcance estrutural em todo o mundo. Sofremos o acentuar-se de desequilíbrios sociais sucessivos e agravantes. Somos testemunhas e protagonistas do **início de uma nova época histórica** em nível planetário.

Ora, um mundo que se redesenha e se reconstrói, um mundo novo precisa de referenciais novos. Daí a eclosão e o pulular de uma **crise de identidade** para as pessoas, comunidades e instituições.

Paripassu, o progresso científico e tecnológico que ininterruptamente se acelera, mais transformações acarreta e mais desafios provoca.

A escola católica não escapa dessas transformações e desses desafios. Para ser fiel a si mesma, a escola católica tem de mudar, tem de se transformar, tem de responder às grandes interrogações da existência e buscar soluções para os problemas vitais de hoje.

Como toda escola, também a escola católica tem um projeto educativo. Que projeto é esse? É um projeto específico, com caráter próprio. Que significa esta afirmação?

O projeto educativo da escola católica tem sua especificidade – revela uma identidade – tem sua originalidade – cria uma pedagogia – e tem sua particularidade – conduz a uma proposta.

O específico da escola católica como **lugar de vida** (que tem de ser para se justificar como tal) encontra uma das orientações mais significativas na referência às próprias orientações do Evangelho. Enquanto **espaço de liberdade**, tem como uma de suas dimensões fundamentais a expressão dos valores evangélicos praticados por alguns, intuídos por outros, aceitos em princípio por todos. Ou seja, a escola católica deve ter um projeto educativo refletido e assumido por todos e inspirado no Evangelho.

As "humanidades" caracterizam a escola católica do passado e devem caracterizá-la também hoje. Porém, hoje, o "humanismo" é tarefa. Não podemos supor matemática, física, história, literatura e

qualquer outra disciplina como “católica”. Serão, sim, disciplinas autênticas ou não. Todas elas concebidas como instrumentos de construção de conhecimento e da verdade a partir de seu corte específico da realidade; todas elas ferramentas para leitura do homem, do mundo e da história e, conseqüentemente, meios para construção de uma sociedade mais justa e solidária ou não.

A escola católica era antes caracterizada pela “doutrinação” e era meio de “preservação” dos católicos.

Hoje, perpassada pelas contradições da sociedade, ela privilegia a “evangelização” e, como a Igreja, é **missionária**.

De que vale a doutrinação se não vivemos mais em uma situação apologética? Se, ao contrário, devemos buscar o diálogo, o ecumenismo, devemos respeitar o pluralismo!

Hoje, não há vida cristã a “preservar”. Não podemos pressupor vida de fé nos alunos e em suas famílias. “O mundo precisa de uma nova evangelização, com a descoberta de novas formas e de novas possibilidades, para que a Palavra de Deus se torne fonte de inspiração para a vida das pessoas e para a construção da sociedade” (Diretrizes Gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil, 91-94, Doc. CNBB, nº 45, Ed. Paulinas, 1991, pp. 16-17).

Estamos vivendo, reafirmamos, uma **crise de transição cultural**. Mas a **mensagem cristã tem em si um valor cultural**, que deve ser proclamado. É uma contribuição original e preciosa para a vida da sociedade e um direito inalienável da pessoa.

Embora a apresentação da mensagem cristã tenha hoje uma abordagem diferente, ela permanece **imprescindível**.

Toda escola tem inegavelmente **função conservadora** – é o compromisso de transmitir o patrimônio cultural da civilização – e, tem, simultaneamente, **função inova-**

dora, transformadora, para que se dê prosseguimento à marcha da humanidade, apresentando-lhe razões de esperança, propostas de vida, caminhos de futuro.

A sociedade é horizonte da pessoa humana. Horizonte utópico que se busca concretizar, que se vai construindo numa constante tensão entre o real e o utópico. Este iluminando aquele e indicando o que precisa ser transformado para que se configure mais claramente com as perspectivas do Evangelho.

Toda transformação social, independente do caminho que a viabilize, parte da “**indignação**” pelo que aí está de mal, de insuportável; e tem sempre caráter participativo.

A função conservadora da escola não é, *ipso facto*, negativa. Pode ser vivida num sentido positivo por meio de uma transmissão crítica, de construção do conhecimento, exigindo constante revisão ou releitura cultural. E pode apresentar-se como “proposta iluminista”, “positivista”, de subserviência ao racionalismo ou insistir em “valores” (ordem, disciplina, obediência, autoridade, por exemplo), que, vistos todos juntos, viram “pacote” e adquirem força ideológica nociva.

A descoberta do homem integrado e psicossomaticamente condicionado e interdependente, a compreensão de sua inteligência percebida como “algo em construção” e não como “dado pronto” e a apreensão da História como processo, que os tempos modernos enfatizaram pela vertente das ciências da natureza e das ciências humanas, não poderiam deixar de afetar também a Igreja e, conseqüentemente, a escola católica em sua abordagem sobre a pessoa humana.

Comprendendo-a em sua realidade una e total de indivíduo e de pessoa, a visão cristã captou a importância de situar o homem e a mulher na História, de entendê-

-los no contexto ativo de suas relações com os outros. Isto não é novo. Está presente desde S. Paulo e na Literatura Patrística. Mas o que é novo é a passagem de uma concepção antagônica, conflitante, embora não dualista, para uma perspectiva integrada e dialética do ser humano.

Situada na História, caminhando com ela e construindo-a pela responsabilidade de suas ações e atitudes, a pessoa humana passou a ser vista como um **ser concreto, existencial, inserido num tecido social e cultural**, alguém mais ativo e significante na História e na sociedade, vistas, agora, muito mais como resultado das vontades humanas.

Objeto de Pedagogia é a pessoa humana em sua aprendizagem de ser; não a sociedade. Não cabe, pois, à escola católica definir o contexto social na sua índole socioeconômica ou no seu perfil político. Porém, está ela credenciada, por força de seu compromisso de espaço crítico, a rejeitar ou denunciar toda forma de organização social que impede ou dificulta o acesso ao mínimo de dignidade de vida que garanta à pessoa humana viver sua condição humana, ter respeitados seus direitos básicos essenciais e que dê sentido ao anúncio de um Deus que é Pai, acarretando a dedução de que todos **somos radicalmente irmãos**. Uma sociedade, portanto, que por sua construção estrutural torne inviável a realização deste projeto é inaceitável para a escola católica.

Desde o Vaticano II, a escola católica adquiriu um novo estatuto. Deixou de ser **"confessional"** e passou a afirmar-se **"católica"**, no sentido próprio do termo, isto é, aberta a todos, católicos e não-católicos, desde que escolham e aceitem o caráter específico de seu projeto educativo.

Sua finalidade não consiste absolutamente em "produzir bons frutos"; sua preocupação não é proselitista, angariar adeptos, conquistá-los e/ou preservá-los (Jesus Cristo, o enviado do Pai, veio para anunciar

a Boa Nova, inaugurar e proclamar o Reino de Deus; não teve como objetivo atrair adeptos, ainda que tenha "chamado" alguns para segui-lo mais de perto).

Esta mudança intrínseca de auto-compreensão da escola católica não constitui uma infidelidade a seus princípios; ao contrário, deixar de ser confessional para se redefinir e reinterpretar-se como católica não vem justificado simplesmente por um acontecimento eclesial, o Vaticano II, mas, antes, traduz efetivamente fidelidade ao Evangelho e à proposta de Jesus Cristo.

A escola católica não é ideológica; é existencial, histórica. É fundada sobre um fato, um acontecimento. Seu projeto brota não de uma idéia sobre o homem, mas do acontecimento fundante do homem.

A fé católica, que ilumina, é fundada não sobre idéias, conceitos, sistemas, mas sobre acontecimentos. É fundada sobre "o que se passou em Jerusalém" (Lc 24,18) – o grande acontecimento JESUS CRISTO.

Israel não transmite, de pai a filho, doutrinas sobre Deus. Transmite as experiências históricas com "seu" Deus. É a narrativa de tais experiências que se torna para Israel fonte de louvor e agradecimento (cf. Ex 15), base de sua oração de súplica nos momentos difíceis (cf. Salmos), fundamento de seu empenho de vida (cf. Dt) e da sua esperança messiânica (cf. Salmos e Profetas).

As primeiras Igrejas do Cristianismo primitivo nasceram no seio desta experiência de fé de Israel. Também elas alimentaram a própria fé e a difundiram "contando uma história". Sentindo-se portadora de uma importante NOTÍCIA para a humanidade, a Igreja primitiva anunciou concretamente o quê? Fundamentalmente não anunciou nem uma doutrina nem uma lei. Anunciou uma história, ou mais exatamente: anunciou a **história de Deus na vida de Jesus de Nazaré**. Ora, a história de

Jesus de Nazaré é toda ela centrada em um ponto focal: o Reino de Deus.

A atividade missionária de Jesus, Ele a inaugura proclamando a iminência do Reino: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Quando João mandou-lhe indagar pelos seus discípulos: “És tu aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?”, Jesus respondeu com a concretude dos fatos. Apon- tou o Reino acontecendo: “Ide e contai a João o que ouvistes e o que vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos res- suscitam” (Lc 7,19-22). Cegos, coxos, le- prosos, surdos, mortos **reencontram a vida.**

Da práxis messiânica de Jesus de Na- zaré colhemos toda a riqueza do **Reino acontecendo:**

* expulsou demônios, libertando ho- mens e mulheres daquelas forças ocultas que não lhes permitam ser verdadeiramen- te eles mesmos e de manter relações justas com os outros (cf. Mc 1,21-28; 5,1-20; 7,24-30);

* realizou curas físicas mediante as quais restituía aos doentes a integridade do corpo e a possibilidade de reintegrar-se na socie- dade (cf. Mc 1,40-45; 2,1-12; 3,1-6);

* perdoou pecados, libertando as pes- soas do peso existencial de uma fracassa- da relação com Deus (cf. Mc 2,1-12; Lc 7,36-50);

* buscou comunhão de vida com os pequenos, fracos, marginalizados e despre- zados pela sociedade de seu tempo, ou seja, com as massas pobres e ignorantes do “povo da terra”; pecadores e publicanos, mulheres e crianças (cf. Mc 2,1-15; Mt 9,10-13; Lc 5,19-32).

São, pois, acontecimentos que sinali- zam a irrupção do Reino.

O anúncio, a proposta da Boa Nova de Jesus Cristo está inscrita evidentemente no projeto educativo da escola católica. Essa proposta revela uma coerência, um sentido e uma exigência.

– **Coerência** – Porque é católica, tal escola ressalta a Boa Nova de Jesus Cristo em dupla perspectiva:

* revela o acontecimento Jesus Cristo a partir do acontecimento Jesus de Nazaré, fato histórico que não pode passar desper- cebido à cultura de todos aqueles atentos à literatura e à história, à religião e à ética;

* revela a “novidade” do homem anun- ciada por Jesus Cristo: sua origem, doutri- na, vida, futuro e o caminho que Ele pro- pôs para a felicidade do ser humano.

A escola católica não é neutra. Quer ser um serviço para o homem, para sua promoção, seu futuro e salvação.

É uma questão de coerência a Boa Nova ser referência do projeto educativo da es- cola católica, núcleo de sua proposta.

– **Sentido** – Tal proposta tem um sen- tido que não é sempre expresso ou reco- nhecido como “catequese”.

Não se trata de ensino religioso, nem de ensino da fé cristã. A fé não se ensina. Ela é um caminho novo que resulta de dois valores: a Palavra de Deus que se revela e a liberdade humana que se decide.

A escola católica quer orientar e possi- bilitar esta escolha, que é decisão livre de cada um. Ela não dá a fé a ninguém.

Nesta perspectiva, trata-se, pois, do anúncio da Boa Nova e da proposta que ela contém. A escola católica faz eco ao convite de Jesus: “Queres?” – Sendo coe- rente com o projeto educativo, parte inte- grante dele e essencial à cultura contem- porânea, aberta e pluralista, esta **proposta cristã é feita a todos.**

Para alguns, seja pelo desejo dos pais em relação aos filhos, seja pela decisão

livre dos adolescentes e jovens, a proposta cristã se transformará em iniciação religiosa e, então, se poderá falar de catequese.

– **Exigência da proposta** – Em razão de seu projeto, a escola católica coloca o acontecimento Jesus Cristo no centro da existência humana. Deste modo, ultrapassando toda ideologia, se firma em sua condição histórica existencial.

A proposta da Boa Nova na escola católica **não pode ser nem obrigatória, nem facultativa**. Não pode ser imposta aos jovens, expondo-se a ser rejeitada justamente por essa imposição. E não pode deixar de ser conhecida em consequência de um capricho inconsciente. Ela é **necessária**. Não pode ser imposta por um regulamento (obrigação moral), nem submetida ao arbítrio inconseqüente (luxo facultativo). Ela é de **necessidade vital**: os alunos não podem rejeitar ou aceitar Jesus Cristo sem conhecê-lo. Para que esta escolha (positiva ou negativa) seja verdadeiramente livre (consciente, motivada, deliberada) é preciso que haja apresentação e convite, reflexão e discernimento da Boa Nova. É uma exigência da liberdade humana.

A segunda metade do século XX, já o afirmamos, assinala uma verdadeira explosão científica e tecnológica, e os últimos anos passam a acentuar a questão da “cultura”. Torna-se tão preocupante quanto o técnico, o econômico e o social. Por quê?

Mais ligada à comunicação – fenômeno que domina nossos tempos como fruto do desenvolvimento tecnológico e se afirma numa ascensão vertiginosa – a cultura desponta como urgência determinante e abordagem imprescindível.

No contexto deste fim de século se destacam três dimensões do desenvolvimento humano:

– *a dimensão técnica*, o progresso técnico, a tecnologia sob todas as suas formas, com o acontecimento da energia nuclear;

– *a dimensão econômica*, trazendo a difícil questão do equilíbrio econômico;

– *a dimensão social*, explodindo no grave problema da justiça social.

São estas, nossas três preocupações maiores: o social, o econômico e o técnico.

Por que o progresso técnico engendra um desequilíbrio e uma desordem econômica? Por que o desequilíbrio econômico desemboca na injustiça e nas desigualdades sociais? A resposta é clara e incontestável: o desenvolvimento tecnológico e econômico **esquece uma referência fundamental – a referência ao homem, à cultura humana**.

Por mais avançado que seja o progresso técnico sobre o mundo ou a vida, se ele não tem referência e finalidade, é desorientado. Daí a urgência da prioridade cultural. Esta foi a razão pela qual a ONU pediu a UNESCO para inaugurar a “década mundial do desenvolvimento cultural”. Desenvolvimento cultural não apenas no sentido do cultivo das artes, da música, da literatura, das ciências, da filosofia, mas sobretudo no sentido da “cultura homem”.

E é pedido à escola católica que seu projeto educativo seja **profundamente humano e humanizante**.

Se uma das referências da escola católica é a Palavra de Deus, a outra referência é, indubitavelmente, a **pessoa humana** em sua totalidade de energia cósmica e energia espiritual.

O projeto educativo da escola católica se desenvolve, pois, numa perspectiva antropológica: apresenta um objetivo que se constitui em desenvolvimento da pessoa humana em referência a seu acontecimento fundante, isto é:

* promovida a uma **dignidade**: emergência da consciência, da liberdade e do amor (atributos do espírito);

* chamada a uma **transcendência**: sua dignidade é utópica – o homem se faz homem superando-se continuamente;

* desejosa de **salvação** (felicidade): busca de um salvador, de um sentido para sua realização, sua caminhada de ser.

A grande tentação é confundir projeto e pedagogia.

A pedagogia traça um itinerário, fixa decisões, propõe métodos, utiliza técnicas. Mas todo itinerário tem um fim a atingir, toda escolha pressupõe critérios de refe-

rência; métodos e técnicas decorrem de um produto final a realizar.

O projeto, então definido, pode e deve engendrar uma pedagogia – “Uma maneira de ser, de existir, de viver junto em comunidade” para que neste seio materno possa surgir uma pessoa humana apta a se tornar o que ela é em germe, capacitada para situar-se responsabilmente no mundo, na história e a partir daí “**criar história**” sabendo nela intuir e descobrir a orientação escatológica que a transcende e plenifica.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. A partir da leitura do texto, quais os desafios que sua comunidade encontrou, que esperanças suscitou e que exigências provocou?
2. Procure desenvolver o parágrafo sexto do texto numa discussão comunitária que o aprofunde.
3. Analise as formas distintas da função conservadora verificando como se manifestam na prática educativa de sua escola. Verifique ainda como essa prática tem levado à “indignação”.
4. Partindo do fato de que o projeto educativo é resultante de nossas decisões, como entra a pessoa de Jesus Cristo nessas decisões?
5. Que relação concreta existe entre práxis messiânica de Jesus Cristo e nossa prática educativa?

A SEGUNDA IDADE: MUDANÇA E DESAFIO

Pe. Manoel Losada, OM

Rio de Janeiro/RJ

Os Religiosos da segunda idade buscam uma causa explicadora de seus males no exterior, fora de si: as estruturas, a figura do superior, a linha de pastoral... A causa, porém, está dentro, no fundo de si mesmo.

INTRODUÇÃO

Segundo a sabedoria hindu, o homem, no percurso de sua vida, passa por quatro etapas: até os 20 anos aprende, dos 20 aos 40 realiza, aos 40 peregrina em busca de si mesmo, e aos 60 renuncia.

O peregrino alcança sua meta, encontra a sabedoria. Na altura do século XIV, Tauler, místico da tradição alemã, toma os quarenta dias entre a Ressurreição e a Ascensão do Senhor e os dez até Pentecostes como símbolo do desenvolvimento espiritual do homem. Este não alcança a maturidade interior antes dos quarenta, quando acontece uma grande transformação da vida. Tem de esperar mais dez anos para alcançar o "fundo da alma" ou a unificação interior. Os quarenta dias entre Ressurreição e Ascensão e mais dez até Pentecostes simbolizam o percurso do crescimento humano. No século XVI Shakespeare diz que, no palco da vida, o homem passa por sete estágios.

"O mundo todo é um palco.

E todos os homens e mulheres,
simples atores

Que nele entram e dele saem,

E cada homem, por sua vez,

representa muitos papéis;

E seus atos correspondem a sete idades"

Esta é a visão dos místicos e dos poetas. Eles sempre chegam antes. Coloco seu pensamento como referência inicial do que falarei a seguir. Na base deste texto está minha experiência pessoal, o trabalho de escuta de centenas de pessoas da segunda idade que venho acompanhando, em sua grande maioria religiosos e religiosas, e umas horas de leitura de alguns clássicos desta matéria. Jung, Erikson e o Grupo de Yale constituirão o telão de fundo do pensamento aqui exposto, mesmo que não me sinta obrigado a segui-los com rigor.

1. O CICLO VITAL HUMANO: O DESENVOLVIMENTO ADULTO

Sabemos pouco sobre a transição da segunda idade. O estudo do desenvolvimento adulto é muito recente e inexplorado. A psicologia do desenvolvimento praticamente parou na adolescência. Neste século, estudou-se em detalhe o mundo da infância e da adolescência, a ponto de ser chamado o "século da criança", no dizer de Jung e Erikson. Não aconteceu o mesmo com o

estudo do mundo do adulto. Pouco sabemos sobre o processo de envelhecimento. Só a partir da segunda metade deste século é que se começou a elaborar uma psicologia do desenvolvimento da personalidade ao longo de todo o ciclo vital.

Jung foi o primeiro a abrir caminho para uma compreensão abrangente do ciclo vital humano. O homem, à semelhança do Sol, percorre durante a existência as quatro estações do ano ou, em menor escala, as quatro etapas do seu percurso diário: amanhecer, manhã, tarde e entardecer. Esta divisão quaternária do ciclo vital pode ser desdobrada em duas grandes metades, uma ascendente e outra descendente. Teríamos, assim, a primeira metade ou amanhecer e a segunda metade ou entardecer da vida. No vértice ou ponto de junção das duas partes, está situado o divisor de águas, o ponto onde acontece "uma enantiodrômica mudança de sentido existencial" (A. Vazquez). Entre os 35 e 40 anos ocorre "uma transfiguração significativa da alma humana" (Jung). É o momento de grande virada. No amanhecer da vida, o jovem busca realizar-se por meio do sexo, da família, do poder e do prestígio social. Ao cair da tarde, em plena meia-idade, o adulto é chamado para o encontro consigo, no mais profundo de seu ser.

Erikson é uma referência imprescindível para entender a segunda idade. Seu método teórico constitui um instrumento de interpretação do ciclo vital. Para tanto, elaborou um diagrama epigenético, segundo o qual o desenvolvimento humano obedece a um plano básico, uma espécie de itinerário ou plano de viagem, constituído por oito estágios ou etapas, chamadas as oito idades do homem, as quais o ser humano necessariamente deve atravessar no caminho da vida.

A teoria de Erikson enfatiza os aspectos psicossociais do desenvolvimento. Nessa perspectiva, reformula e amplia o

pensamento de Freud. Em "Childhood and Society" (1963), propôs os estágios psicossociais do desenvolvimento do ego, segundo os quais o crescimento da personalidade continua através de todo o ciclo da vida, de acordo com os estágios do modelo epigenético. Cada estágio está atravessado por um conflito, expressado bipolarmente, podendo ter um desfecho positivo ou negativo, com progresso ou regresso da personalidade. Desta forma, o crescimento humano equivale a uma contínua superação de conflitos internos e externos, para ressurgir de cada um com um saldo de maior unidade interna.

A transição psicossocial para a vida adulta é feita ao término do quinto estágio, no fim da adolescência, quando se estabelece o sentido de identidade do ego. A partir desse momento, a vida do adulto deve percorrer três grandes etapas, conforme o diagrama epigenético: intimidade versus isolamento (VI); generatividade versus estagnação (VII) e integridade versus desesperança (VIII). Dito de outro modo, a vida adulta exige cumprir três grandes tarefas ou desafios: estabelecer vínculos significativos, gerar vida e conseguir unificação interior ou sabedoria... Isto se o processo for bem-sucedido.

A meia-idade surpreende o adulto às voltas com o grande desafio da generatividade ou da realização pessoal, no sentido de se perceber do quanto o sujeito foi criativo e gerador de vida, ou, ao contrário, está de mãos vazias, estagnado e tomado pelo tédio e pela depauperação pessoal.

O pensamento de Erikson inspirou várias pesquisas sobre a vida adulta, especialmente nos EUA. A mais importante é conhecida como Grupo de Yale, liderada por D. Levinson. Segundo este autor, da mesma forma como há princípios básicos que regem o desenvolvimento na infância e na adolescência, também os adultos se desenvolvem em períodos, cada um dos quais

levando-os a realizar tarefas específicas. A passagem de um período para o seguinte far-se-ia à medida que a pessoa começasse a exercitar novas tarefas de desenvolvimento e reorganizasse a sua vida. Essa organização pode durar em torno de sete ou oito anos.

1.1. Os Religiosos da Atual Geração da Meia-Idade. Quem são? De onde vieram?

Quero falar dos religiosos(as) da meia-idade de hoje, aqueles que nasceram em torno dos anos 40 num determinado contexto e agora, no início dos anos 90, estão na altura da quinta década da vida. Seu processo pessoal é inseparável dos acontecimentos históricos desta etapa. Pretendo centrar-me nos processos internos destas pessoas, porém estarei referindo-me constantemente à realidade externa e cultural. A subjetividade é sempre referida à história. Meu objetivo é, apenas, tentar situar a questão, para não falar de uma segunda idade formal e abstrata. Assinalo, de passagem, alguns aspectos do problema.

Nossa geração veio do tempo da pedra lascada e é obrigada a conviver com a pós-modernidade. Nascermos na época do fogo a lenha e temos de conviver com o microondas.

Nascermos antes da televisão, antes da penicilina, antes do radar, antes da fissão do átomo, antes do raio laser, da fralda descartável, do xerox e da pílula anti-concepcional.

Nós nunca tínhamos ouvido falar em fita cassete, videocassete, videogame, coração artificial, computador e danoninho.

Nós casávamos antes e só depois morávamos juntos. Nos nossos dias coca era refrigerante, e pó era sujeira.

Nestes 50 anos o mundo acelerou vertiginosamente os passos. Fez revoluções técnico-científicas, uma após outra.

Em nível religioso, nossa geração acompanhou de perto as travessias da Igreja do Vaticano II, Medellín, Puebla e agora Santo Domingo. Fomos fortemente impregnados, na infância e na adolescência, da mentalidade pré-vaticana; éramos os jovens ardorosos por ocasião do Concílio e os adultos construtores de Medellín, Puebla e Santo Domingo. Somos uma síntese viva desses momentos da Igreja, sobretudo da Igreja Latino-Americana.

Fomos educados numa sociedade marcada pelo autoritarismo e pelo monopólio ideológico do clero, em instituições típicas da tradição tridentina. Vivemos nossa adolescência antes das mudanças culturais da década de 60. Somos fruto de um ambiente profundamente religioso, muito marcado pela lei e pelo dever, típico da Contra-Reforma moralista. As estruturas socioculturais eram rígidas, sem liberdade de pensamento nem pluralismo ideológico. Isto agravado por um contexto político, que só agora começa a ter prática democrática na maioria dos países latino-americanos.

À época do Concílio tínhamos vinte e poucos anos, torcíamos por idéias que eram debatidas na Aula Conciliar com o mesmo ardor dos torcedores do Flamengo pelas jogadas de seu time. E aí aconteceu conosco um grande paradoxo: entre 25 e 40 anos é o tempo de realizar os projetos, previamente definidos e escolhidos. Pois bem, nessa época tivemos de rever tudo, virar as coisas para o ar. Foi um grande desafio, pois o que parecia ser um simples "aggiornamento" transformou-se numa revolução, pelo menos em princípio!

Na América Latina, os mesmos jovens que se empolgam pelo Concílio são, mais tarde, os adultos que traduzem o espírito do Vaticano II para o Continente. E aí acontece o novo. Acontece Medellín e Puebla. Acontece a nova Igreja da periferia do mundo, a nova teologia, a teologia

da libertação, a nova vida religiosa, a vida inserida, a inculturação. O novo rosto da vida religiosa, que surge em meio a conflitos e contradições. Em grande parte, este gigantesco trabalho tem de ser creditado à atual geração de meia-idade, que foi e está sendo o ator principal deste acontecimento histórico.

Naturalmente nem tudo são flores. Nem queremos tomar o lugar do Espírito. É certo que vivemos um momento privilegiado da História. É certo, também, que fomos muito exigidos pela vida.

Nossa geração foi obrigada a conviver com o fogão a lenha e com o microondas. Talvez por isso sejamos considerados uma geração intermediária. Como diz a terapeuta familiar Eda Lesham: "Não somos apenas da meia-idade, mas nos sentimos apanhados no meio do nosso passado e do nosso presente. O que há, talvez, de mais especial em nós é que estivemos sempre no meio". Fomos educados para respeitar e agradar aos pais e aos mais velhos. Ironicamente somos a primeira geração em que a família se centrou nos filhos. E somos levados a admitir os fracassos e as limitações de nossos filhos como sinal de nossa insuficiência, e não deles. "Encontramo-nos no meio, tentando agradar à geração mais velha e à mais jovem" (Eda L.).

Decididamente somos uma geração intermediária, porém criadora. Carregamos as marcas do passado, de nossa identidade forjada nos moldes da Contra-Reforma. Pusemos todo o ardor nas mudanças do Concílio. Somos os atores principais de Medellín e Puebla. Sem dúvida, uma geração intermediária, porém altamente realizadora e criativa.

1.2. A Meia-Idade dos Homens e das Mulheres

Homens e mulheres se desenvolvem em diferentes direções na altura da meia-idade.

Os homens orientam suas vidas na busca de valores mais expressivos e na perseguição de objetivos interpessoais (relacionamentos mais significativos, casos amorosos, pintura, literatura etc.), enquanto as mulheres se dirigem para valores instrumentais (emprego, dinheiro, mais influência, autonomia etc.). As pesquisas psicossociais indicam essas conclusões.

A renovação de objetivos que se processa nesta altura da vida ocorre de forma diferente neles e nelas. Por isso da generatividade, o homem vence a estagnação e aprende a cuidar das outras pessoas. Cuidar das outras pessoas é o que a mulher faz na primeira metade da vida. Agora ela é impelida a investir no desabrochar dos talentos que foram protelados em função dos filhos e do marido. O desafio da segunda idade feminina é superar a dependência pela auto-afirmação. Não quer dizer que a mulher deva deixar de cuidar das outras pessoas. A criatividade dela, antes limitada a servir mingaus aos bebês e ao papai, abre-se agora para uma dimensão mais ampla, a nível social e político.

A mulher chega antes que o homem à encruzilhada da meia-idade. Na altura dos 35 anos, a preocupação do tempo que se acelera e a experiência do corpo que envia os primeiros sinais de envelhecimento fazem surgir na mulher perguntas inesperadas, instando-a a rever as opções tomadas, comparando-as com as que deixou de lado e com aquelas que o envelhecimento e a biologia inviabilizarão num futuro previsível. O homem também sente o repuxão do tempo na altura dos 35 anos. Primeiro reage apertando o acelerador do trabalho profissional. Quer chegar ao primeiro escalão, uma vez que é esta a última chance "de subir na pirâmide social". A intensa concentração no progresso externo termina protelando, para a altura dos 40 anos, as questões mais difíceis da existência.

As alterações de perspectivas da meia-idade terminam interferindo na vida sexual

e afetiva dos homens e mulheres: os ritmos alteram-se. Ela chega a esta altura da vida com um potencial erótico em alta e ele em baixa. A ansiedade e o medo de perder o poder fálico provocam nele, muitas vezes, o fantasma da impotência. Desta forma, eles e elas, na meia-idade, vivem ciclos sexuais divergentes. Formam o que Gail Sheelcey chama "losango sexual", em que a distância transversal é máxima entre os 30 e 40 anos. É o momento em que muitos casais buscam novas experiências amorosas ou simplesmente partem para a separação, e muitas pessoas consagradas abandonam a vida religiosa ou entram em crise afetiva. Com muita frequência, a dedicação institucional desta geração reforçou o idealismo do projeto religioso e da entrega de si mesmo, em prejuízo da satisfação e da integração das necessidades humanas. Os religiosos aprenderam a doar-se e a amar os outros; não aprenderam a amar a si mesmos e a cuidar da própria vida. Aí acontece algo característico da meia-idade: tudo aquilo que tinha sido negado, reprimido ou simplesmente deixado de lado nos caminhos da vida, emerge agora, com toda a força, à consciência dos consagrados, exigindo uma expressão concreta, como uma espécie de necessidade de viver agora o que não foi vivido antes. Desta maneira um religioso ou religiosa na altura dos 40 anos pode descobrir-se envolvido afetivamente como se tivesse 18 anos. A crise afetiva do adulto religioso manifesta-se de muitas formas, que não tenho condições de examinar nesse texto.

Na vida religiosa latino-americana, pode-se perceber um novo tipo de mulher emergente, que está se libertando dos quadros eclesiais vigentes: uma mulher em processo de mudança. Uma mulher que frequenta cursos e faz terapia. Foi à inserção e quer tomar a palavra na Igreja. Já o religioso comumente é encontrado no trabalho pastoral ou à frente das grandes ins-

tuições eclesiais. Dificilmente enfrenta uma terapia ou um curso de reciclagem. Tempo para si é igual a tempo perdido. Vive atirado no trabalho.

2. AS MUDANÇAS NA SEGUNDA IDADE

Como ficou estabelecido anteriormente, o desenvolvimento humano acontece durante todo o ciclo vital. É mais visível durante as duas primeiras décadas da existência, porém se processa em diferentes níveis pela vida afora. Significa que o homem vive em eterno processo de mudança, um pouco como a lagosta, que cresce formando e largando uma série de crostas protetoras. A cada passagem de um estágio de crescimento para outro, também temos de mudar nossa estrutura de proteção. As mudanças de pele podem durar alguns anos, entretanto, ao sairmos de cada uma dessas passagens, entramos num período de maior estabilidade e conquista de liberdade e equilíbrio interior. É o eterno processo de morte e renascimento no qual estamos mergulhados.

A mudança que se efetua na segunda idade se reveste de características especiais, que passo a detalhar.

2.1. A grande virada para dentro de si mesmo: a procura do tesouro

De acordo com a sabedoria oriental, aos quarenta o homem peregrina em busca de si mesmo, toma o caminho à procura do tesouro. Para isso, faz-se acompanhar de "um mestre" que o orienta até encontrar a sabedoria e a luz interior. Nessa trilha, Jung assinala que, na passagem do amanhecer para o entardecer da vida, acontece uma mudança de direção. Até os quarenta, o sujeito estava no período ascendente, orientado para a realização externa por meio

do sexo e do poder. Depois dos quarenta, o adulto inicia a descida, muda a direção da vida, os objetivos e o significado desta. Como diz A. Vázquez, "el adulto busca encontrar un contenido a la propia vida interior a la luz de la muerte, se desprende de lo instintivo-biológico para encontrarse con lo espiritual arquetípico, através del símbolo".

Essa virada não é fácil nem uniforme e muitos perdem a direção nessa travessia.

No século IV, à beira do Nilo, Cassiano observa como o ambiente monástico, ao "meio-dia", é açoitado por uma espécie de espírito maléfico, que se apodera do ânimo dos monges, provocando em suas vidas um profundo tédio em relação à vida monacal, ao silêncio da cela, ao convívio dos confrades e, sobretudo, em relação a si mesmos. É como se a vida do monge, diz Cassiano, tivesse desmoronado, como se o mundo desabasse em cima de sua cabeça. Se pudessemos focalizar a câmara registradora da TV sobre o rosto de um grande número de religiosos e religiosas da segunda idade em nossos dias, não seria difícil perceber o mesmo tédio que notara Cassiano no século IV. Tédio que se traduz, muitas vezes, num sentimento de insatisfação profunda e de descontentamento com tudo e com todos e numa ausência de alegria e vibração pela vida. Os contextos são muito diferentes; a problemática, a mesma. Trata-se, nos dois casos, da grande virada da vida, lá pela altura dos quarenta, quando o demônio meridiano anda solto nos conventos e nas praças das cidades. Nesta travessia as pessoas estão à procura da sintonia consigo mesmas. "Es sentirse amenazado en el hondón mismo de la propia existencia. Se sufre por uno mismo, por la condición fundamental de la vida y del mundo. Y todo esto se traduce en pérdida de equilibrio y de vitalidad" (J. Alvarez).

Nos tempos de Cassiano e nos dias de hoje, os religiosos da segunda idade bus-

cam uma causa explicadora de seus males, no exterior, fora de si. Podem ser as estruturas eclesiais ou congregacionais, a figura do Superior ou a linha de pastoral. A causa, porém, está dentro, lá no fundo de si mesmo.

2.2. Uma nova maneira de perceber o corpo

A partir da quarta década, o equilíbrio entre crescimento e degeneração física, que começara a desestabilizar-se na década anterior, pende definitivamente para o lado da degeneração. O crescimento não cessa neste período, segue até a morte. E não é na segunda idade que a degeneração está começando: a decomposição e a morte das células e tecidos vem ocorrendo deste antes do nascimento. Sucede que no início da vida, sobretudo nas duas primeiras décadas, predomina o processo de estruturação e crescimento, ao passo que, nas subseqüentes, são os processos degenerativos que se tornam relativamente mais importantes e levam à redução das atividades químicas e da elasticidade dos tecidos em todo o corpo.

De forma ostensiva, na segunda idade começam a aparecer os sinais de envelhecimento. É o tempo das "goteiras e rachaduras" no próprio edifício. O homem começa a incomodar-se com o próprio corpo; a mulher, muito mais.

Veiculado pela mídia, assistimos, nos dias de hoje, a um espetáculo que se transformou num autêntico culto ao corpo, revelador da angústia do homem moderno diante do envelhecimento. Uma sociedade que idolatra a juventude e descarta e joga no lixo quem envelhece tem mesmo é de lutar contra o processo de envelhecimento. É isso que as pessoas buscam, de uma forma compulsiva, nas academias de ginástica, nas clínicas de rejuvenescimento, na cirurgia plástica, na aeróbica etc. O que interessa é não envelhecer, preservar a juventude, a energia e a beleza.

No âmbito da vida religiosa, o grupo da segunda idade parece dividir-se em relação a este problema, em duas metades opostas: aqueles que não ligam para o corpo e aqueles que só vivem para o próprio corpo, como se fosse seu filho único. Os primeiros são incapazes de perceber e decodificar os sinais vindos de seu eu somático; são incapazes de se cuidar. Os segundos, autênticos hipocondríacos, vivem sob constante preocupação obsessiva com a própria saúde, fabricando doenças de todo tipo.

Uma coisa é certa, a pessoa tem de aprender a perceber os sinais que emite o próprio corpo. Encontrar-se consigo é, também, uma nova maneira de perceber e vivenciar o corpo.

2.3. Uma nova maneira de perceber o tempo

A segunda idade constitui uma nova maneira de perceber e de relacionar-se com o tempo. A idade – diz Simone Beauvoir – “modifica nossa relação com o tempo. Ao longo dos anos, nosso futuro se encolhe, enquanto nosso passado vai tornando-se pesado”. No amanhecer da vida, o jovem tem o tempo pela frente, “dispõe de tempo”. Velho é aquele que tem uma longa história atrás de si e uma expectativa de vida muito limitada diante de si. O homem da segunda idade tem passado e tem futuro. Já fez história e tem futuro, ainda que delimitado.

A relação das pessoas com o tempo poderia ser caracterizada como uma maratona, a maratona da vida, que começaria às seis da manhã e terminaria às seis da tarde. A meia-idade estaria localizada na altura das quatorze horas. Isto que em nível cronológico parece tão simples não o é no plano psicológico. A partir dos quarenta anos, mais ou menos, o tempo é percebido como barreira, como realidade que escapa das mãos e é preciso reter. Começa a significar limitação, pois não há, talvez, tempo suficiente para realizar todos os projetos. Normalmente a

chegada à metade da vida representa o tempo de apogeu e da máxima realização. Paradoxalmente, o sujeito é obrigado a reconhecer que este processo de realização é limitado. Para além está a morte. A consciência de que o tempo é finito é um elemento perturbador e gerador de angústia na segunda idade. Constitui um abalo, uma espécie de solavanco ou sacudida que estremece a existência do homem em suas raízes.

Esta mudança na percepção do tempo força cada um de nós a uma importante tarefa na meia-idade. Todos os nossos ideais e planos em relação ao futuro precisam ser revistos em função do tempo que ainda resta para viver. “Nossa vida precisa ser reestruturada em função do que resta para viver e não em relação ao tempo decorrido desde o nascimento” (B. L. Neugarten).

Vivemos num mundo móvel, onde o movimento da história é acelerado. “O devir individual – diz Beauvoir – inscreve-se num devir social, com o qual não coincide. Esse desnível produz-se em detrimento do homem que envelhece, que se vê necessariamente atrasado em relação a seu tempo.” Numa sociedade estável e repetitiva, quem envelhece está mais adiantado e, em certo sentido, em situação de vantagem em relação aos que vêm depois. Mas no mundo de hoje acontece o contrário. O indivíduo não consegue acompanhar os passos e as mudanças quase vertiginosas da história e corre o risco iminente de ser condenado à obsolescência.

O religioso da segunda idade sofre porque o tempo da história pessoal é reduzido e porque não consegue acompanhar o mundo, que acelera o processo de mudança.

2.4. O nascimento da morte

Como dizíamos anteriormente, crescimento e degeneração caminham juntos durante todo o ciclo vital. A segunda idade começa no momento em que o equilíbrio

entre ambos pende para a degeneração. A partir desse momento, a morte se transforma no elemento catalisador das mudanças de que viemos falando. A mudança de rumo que se efetua na passagem do amanhecer para o entardecer da vida, a percepção do próprio corpo que envelhece e se deteriora, a percepção do tempo como limite e redução são comandados pela experiência da morte que começa a vislumbrar-se como meta. Se a primeira metade da existência esteve comandada pela vida que se expande, a segunda vem polarizada pela morte, que se impõe como meta final. Nascimento e morte, os dois acontecimentos são carregados de significado. Na metade da vida, como diz Jung, acontece o paradoxo: institui-se o nascimento da morte. "A partir de la mitad de la vida sólo sigue vivo aquel que quiere perecer con ella, pues en la secreta hora del medio día de la vida, se produce la inversión de la parábola: el nacimiento de la muerte. La vida de la segunda mitad de la vida es la muerte, pues su objetivo es el fin". O sujeito entrou na involução do entardecer da vida, com todas as conseqüências anteriormente mencionadas.

Na história pessoal, a idéia da morte surge na infância. Ao final da adolescência está incorporada ao conceito que o indivíduo tem de si mesmo. Durante a juventude é negada ou relegada para o futuro. Mais ou menos por volta dos quarenta, a consciência da mortalidade torna-se realidade no sentido de que a metade da vida passou e não resta mais tempo. O indivíduo reconhece por meio dela que é finito: um ser-para-a-morte. Os métodos antigos de olhar para o futuro, a fim de negar a ansiedade por ela gerada, já não funcionam. É necessário olhá-la de frente. É a crise da meia-idade. O confronto com a involução, a degeneração e a morte.

2.5. Um novo sentido para a existência

Todas as espécies atravessam ciclos vitais: nascem, crescem, procriam e mor-

rem. Humanamente, este processo é mais complexo.

Viver não é prioritariamente uma questão biológica. Trata-se de uma problemática da ordem da liberdade e do sentido. Quando o homem alcança a maturidade biológica, inicia sua vida como sujeito histórico, dono de si, autônomo. Em nossa cultura ocidental, o ciclo vital entre 18-25 anos é todo um símbolo. Coincide a época de esplendor corporal com a época em que o jovem inicia sua identidade na história. Por lei da vida, é obrigado a definir sua liberdade e dar sentido a seu viver. O Código de Direito Canônico estabelece 25 anos como idade adequada para a ordenação sacerdotal e para os votos religiosos.

Na altura dos quarenta, acontece outro grande momento de uma densidade humana profunda, que bem poderia denominar-se "a grande virada existencial". A pessoa percebe que uma série de coisas que funcionavam não funcionam agora. Lentamente foi-se gestando uma profunda transformação da maneira de vivenciar o corpo, uma nova maneira de perceber o tempo. Os projetos e a própria vida precisam ser redimensionados em face da morte que se impõe como meta e fim. A existência reclama um novo sentido. O sujeito que no final da adolescência teve de definir-se a fazer caminho na vida é, a partir do início da meia-idade, obrigado a redefinir-se, agora para poder descer a ladeira.

O que acontece na meia-idade é, em certo aspecto, uma reedição da convulsão da adolescência, com algumas semelhanças e algumas diferenças. Segundo Jaques, a meia-idade constitui uma crise de depressão normal, ao passo que a adolescência é uma crise normal esquizóide. A meia-idade é uma crise de perda, por isso o sujeito se deprime. Já a adolescência é uma crise de descoberta da integridade adulta do eu. Também na adolescência há perdas, porém não constituem o centro do problema. O que está em questão

nesse momento é a diferenciação do eu, com todas as ansiedades psicóticas que isto implica. Daí chamar-se esquizóide.

O religioso que atravessa a meia-idade não foi treinado para saber lidar consigo. Como as pessoas de sua geração, dificilmente saberá perceber os sinais vindos de seu corpo e as perguntas que se foram gestando no decorrer de sua história pessoal. Com frequência será levado a negar tais questões ou a fugir delas.

3. OS DESAFIOS DA SEGUNDA IDADE

Falei das mudanças, falo agora dos desafios.

3.1. Elaborar a perda: morte e renascimento

A segunda idade é uma época especial de metamorfose e de perdas significativas. Como a lagosta de que falávamos, o homem, para crescer, é obrigado a perder a casca, numa dinâmica de morte e renascimento. Ou, como no mito do herói, o sujeito precisa descer através da luz mortífera do inverno, ao submundo do caos e da dor, antes de subir à luz da nova vida.

Passamos pela vida perdendo, mudando a pele, a cada fase de crescimento. Ao nascer, perdemos uma parte de nós mesmos, como condição para sair do útero materno à luz da vida. Em cada momento de crescimento, em cada passo, em que conquistamos nossa condição de sujeitos, uma lei inexorável de vida obriga-nos a momentos de perda, de morte e renascimento. O homem primitivo, mais próximo da natureza, tinha muito mais facilidade de reconhecer e de elaborar este processo. Para tanto instituiu os ritos de passagem – ocasião em que o sujeito era desligado do convívio social – encaminhando-se para um lugar isolado ou “zona neutra”, a fim de renascer

psicologicamente antes de reintegrar-se de novo à comunidade. Desta maneira podia elaborar as perdas, por meio do rito, e redefinir-se diante das mudanças exigidas pela passagem para a nova etapa da vida.

Nossa sociedade não tem ritos de passagem para a segunda idade. Prepara o indivíduo para produzir e competir. As instituições educativas acompanham as pessoas até a faculdade – quando aí podem chegar –, ou melhor, até a entrada no mundo do trabalho. Quando lhe é entregue o diploma no dia da formatura, o sujeito é abandonado à sua própria sorte, bem no limiar da vida adulta.

Com um abraço de parabéns e os votos de boa sorte, o diplomado é lançado à vida. Está pronto para entrar na sociedade competitiva. Entende de energia elétrica, da lógica dos números, de parafusos ou das estrelas. Não entende quase nada de si mesmo. Foi treinado para lidar com o mundo externo, não sabe nada sobre o mundo interno, desconhece a linguagem dos sentimentos e das emoções. Desconhece, sobretudo, as grandes travessias da vida. E o que é pior: não tem nenhuma instituição à qual possa recorrer. Nossa sociedade competitiva não está interessada nisso. Com algumas modificações, a vida religiosa repete este esquema. Após a formação, os religiosos são lançados ao apostolado para cuidar dos outros. Não sabem cuidar de si.

Neste contexto, o sujeito dessa geração chega à segunda idade totalmente desprovido de condições para lidar consigo e com as perdas inerentes a essa idade. Por isso, o grande desafio para essa geração é aprender a se conhecer e a cuidar de si, entender o que se passa no seu interior. Entender que a segunda idade é um processo normal de crescimento, cujo tema central é a perda e a separação, por meio de momentos de morte e de renascimento. O sujeito perdeu a juventude, a ilusão da imortalidade, a sensação de dominar o tempo e o

sentido da existência etc. Precisa aprender a administrar essa nova situação. Não foi treinado pelas instituições educativas para envelhecer, deve aprender, por si mesmo, a fazer essa travessia solitária.

“Toda mudança é uma experiência de perda” – diz Levinson. “Quer você mude de emprego, de família, de relações, algo é arrancado. Algo é tirado de você. E, se alguém vai adaptar-se à mudança, seja pessoal ou institucional, tem de haver uma oportunidade para trabalhar os sentimentos de perda, os sentimentos negativos e se lamentar”. Na segunda idade, lamentar é preciso. É o tempo do pensar, do lamento, da perda. Vale dizer, é a época de aprender a linguagem dos sentimentos.

Essa aprendizagem termina sendo difícil, porque vivemos num tipo de sociedade em que a experiência de perda é negada. Ao homem não é permitido chorar, falar seus sentimentos. Para ser competitivo deve ser durão, controlar as emoções. Para negar a perda, o mais comum na vida religiosa é acelerar o ritmo de trabalho, atirar-se na bebida ou na depressão e descontentamento. Formas que não resolvem, complicam o problema. O certo seria criar espaço entre os irmãos para “falar” as perdas, o pesar e o lamento, a fim de poder prosseguir sadiamente a viagem no entardecer da vida.

3.2. Assumir a transformação e a mudança

A segunda idade não é simplesmente um período de perda e de renúncia, mas também de transformação e de mudança. Na perspectiva de Jung, isto é claro: na primeira metade da vida a energia psíquica do sujeito está orientada para o mundo externo, por meio da busca do sexo e do poder; na segunda, acontece a grande virada para dentro, com o objetivo de conquistar o tesouro, que se encontra no mais profundo de si mesmo. Porém, o homem não muda apenas

na segunda idade; a vida toda é perpassada de mudanças. Neste sentido Erikson e o Grupo de Yale deram uma grande ajuda para se entender todo o ciclo vital.

Quando a pessoa da segunda idade quer mudar, defronta com resistências procedentes de dentro e de fora dela mesma, do meio cultural e do seu inconsciente. Vivemos numa sociedade dinâmica, que acelera o ritmo de mudança a tal ponto, que ao olharmos para a frente falamos em “choque do futuro”. Entretanto, as mudanças são programadas numa direção: para o alto, para o sucesso. A vida é uma espécie de escada a ser subida. Como lembra Erikson: “Nossas vidas são ruas de mão única para o sucesso”. Quando o homem ultrapassa os quarenta, falta-lhe fôlego para subir. Os anos que restam podem facilmente parecer vazios porque nossa cultura não soube dignificá-los com um novo significado. Quem envelhece vai para a cesta do lixo. Isto porque construímos um tipo de convivência que idolatra os jovens, tolera os adultos e despreza os velhos.

A sociedade aplaude as mudanças de ordem técnica e científica, reprova as de ordem pessoal. São gastas autênticas fortunas em pesquisas e tecnologias de ponta: quase não se gasta nada em desenvolvimento pessoal. Na vida religiosa estamos dando os primeiros passos naquilo que chamamos formação permanente. As Conferências vêm fazendo um bom trabalho neste sentido, que nem sempre tem eco na maioria das Províncias. A resistência à mudança é muito grande. Quem ousa destoar do grupo pode facilmente ser visto como ovelha negra ou um desgarrado, à semelhança do que acontece com os que saem dos quadros da instituição religiosa.

Por falta de apoio institucional, nossa geração é obrigada a fazer solitária a turbulenta travessia da segunda idade. A sociedade não está interessada nisto. Aplauda as pessoas quando ganham muito dinheiro ou

LIBERTE

têm sucesso. Marginaliza aqueles que não se enquadram neste esquema de valores.

No discurso, nossas instituições não se enquadram neste esquema; na prática, repetem-no. Nossas escolas, hospitais e paróquias geralmente funcionam, são excelentes máquinas de produção, de educação, saúde e de pastoral; porém a pessoa do religioso ali dentro é engolida pela máquina. A prática clínica permite perceber como nossas instituições não estão voltadas para as reais necessidades das pessoas.

Por isso, a grande mudança a ser realizada seria sonhar juntos o sonho de uma sociedade em que se possam combinar as necessidades das pessoas e os objetivos das instituições. Uma sociedade estruturada de tal modo que as pessoas continuem a crescer e a desenvolver-se, a ter esperança e significado durante o curso de suas vidas. Em vez de exigirmos que as pessoas sirvam às instituições e aos interesses do crescimento econômico e do poder, deveremos transformar as instituições para que sirvam aos homens e às suas necessidades concretas. Esta é a grande mudança a ser feita.

Para tanto, teremos de reformular nosso conceito de envelhecimento e organizar uma educação básica sobre o ciclo vital. Em nossa cultura, a ninguém é ensinado envelhecer. As coisas são mais ou menos assim: durante uns 20 anos o jovem se educa; seguem 40 ou 45 de trabalho, às vezes escravizante, para terminar na aposentadoria pelos 60 ou 65, quando a pessoa é retirada de circulação e vira sucata. Pois bem, esse modelo é obsoleto e perverso. Serve a um tipo de sociedade que visa ao lucro. No outro modelo de sociedade voltada para o crescimento e exploração das potencialidades pessoais, ao conjunto de grandes e pequenos, tem de se ensinar a envelhecer, e o ciclo adulto tem de ser reorganizado em períodos flexíveis de educação permanente, trabalho e lazer. A vida religiosa bem poderia ser a primei-

ra instituição a colocar em prática esse projeto. Seria o jeito de termos pessoas mais vibrantes e cheias de vida em nosso meio. Uma bonita profecia no meio deste mundo organizado em função do lucro.

Na hora de mudar, as resistências de ordem institucional e cultural são fortes, todavia as internas são mais. O crescimento pessoal não acontece de forma natural e espontânea, sobretudo na segunda idade. Exige envolvimento do sujeito. É ele que tem de gerir sua vida, ser sujeito da sua história. Isso exige esforço e compromisso na hora de direcionar a própria existência. Pois bem, contrária a esta força de crescimento, o indivíduo experimenta outra força que puxa em sentido contrário. É a pessoa, na maioria das vezes, termina sendo vítima e prisioneira daquilo que se chama tendência à repetição. Em lugar de ser criativa, a pessoa passa pela vida repetindo velhos esquemas que lhe foram transmitidos. E aí se conforma com o estabelecido, se cristaliza e dá voltas sempre sobre o mesmo ponto, incapaz de sair daquele lugar, incapaz de mudar. Para isso o indivíduo inventa mil estratégias e camuflagens para não assumir o desafio maior da vida: realizar a si mesmo e desenvolver as melhores potencialidades de sua vida, num projeto escolhido por ele próprio.

Como diz o sábio hindu, na meia-idade o homem se faz peregrino. Inicia uma viagem, que o leva longe. Longe das exigências institucionais. Longe das valorizações externas, em busca da validação interna. Vai à procura do tesouro. Como aconteceu ao herói, terá de enfrentar sombras e perigos. Ou, como no caso da lagosta, deverá despojar-se da casca das falsas seguranças e assumir o eu. No restante da viagem, cada um encontrará a direção do próprio caminho. E cada um emergirá renascido, autenticamente diferente, com uma enorme capacidade de amar a si mesmo e de afagar as outras pessoas.

Mudar é preciso, eis a grande questão depois dos quarenta. Quando as vozes vindas da sereia da sociedade de consumo sugerem ao homem que se acomode, a voz que vem de dentro convoca-o para o grande desafio da vida: mudar a si mesmo e desabrochar o melhor de seu potencial ainda inexplorado.

Criar condições para que os religiosos da segunda idade possam promover a mudança de si mesmos, para renascer criaturas novas, autênticos sinais do Reino, eis o desafio e a grande mudança a ser feita na vida religiosa e no mundo de hoje.

BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, S. de, *A velhice*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.

ERIKSON, Erik H. et alii, *La adultez*, Fondo de Cultura Economica, Cidade do México, 1976.

ERIKSON, Erik H., *Identidade, juventude e crise*, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1972.

ERIKSON, Erik H., *Infância e Sociedade*, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1976.

GARRIDO, J., *Adulto y cristiano*, Sal Terrae, Santander, 1989.

GRÜM, A., *La mitad de la vida como tarea espiritual*, Narcea, Madrid, 1989.

GUARDINI, R., *A aceitação de si mesmo. As idades da vida*, Palas Athena, São Paulo, 1990.

JUNG, C. G., *O desenvolvimento da personalidade*, Vozes, Petrópolis, 1981.

“La segunda edad de la vida religiosa” in *Vida religiosa*, Madrid, 54[1]:jan. 1983.

MAYER, N., *A crise do homem na meia-idade*, Record, Rio de Janeiro, 1978.

RAYBER, E., *O desenvolvimento do ser humano*, Edições 70, Lisboa, 1978.

SEARS, R., FELDMAN S., *As sete idades do homem*, Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1981.

SHEEHY, G., *Passagens*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1990.

VÁZQUEZ, A., “Madurez” e “Realización personal” in *Diccionario teológico de la vida religiosa*, Publicaciones Cristianas, Madrid, 1989.

VÁZQUEZ, A., *Sicología de la personalidad en C. G. Jung*, Sígueme, Salamanca, 1981.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Entre os 35 e 40 anos ocorre "uma transfiguração significativa da alma humana" (Jung). Ao cair da tarde, em plena meia-idade, o adulto é chamado para o encontro consigo, no mais profundo de seu ser. Aí verifica a existência ou não do cumprimento de três grandes tarefas existenciais: estabelecer vínculos significativos, gerar vida e conseguir unificação interior ou sabedoria. Em sua comunidade existem pessoas nesta fase existencial, ou talvez você mesmo participe dela. Como você se situa pessoalmente, como (se) compreende a etapa?
2. Homens e mulheres se desenvolvem em diferentes direções na altura da meia-idade. Os homens orientam suas vidas na busca de valores mais expressivos e na perseguição de objetivos interpessoais (relacionamentos mais significativos, casos amorosos, pintura, literatura etc.), enquanto as mulheres se dirigem para valores instrumentais (emprego, dinheiro, profissão auto-realizadora, mais influência, autonomia etc.). Você concorda com esta afirmação do autor, confirmada por pesquisas psicossociais? Que sinais são perceptíveis em pessoas de seu grupo religioso?
3. A segunda idade é uma época especial de metamorfose e de perdas significativas que exigem o destrinçar de determinados desafios: elaborar a perda diante da morte; assumir a transformação e a mudança. Que lhe parece mais difícil? Existem estruturas de apoio que ajudem as pessoas, neste momento de crise, em sua comunidade ou congregação? O que poderia ser feito e não o é?

ECOLOGIA E VIDA RELIGIOSA

Fr. José Alamiro A. Silva, OFM
Petrópolis/RJ

Os valores da Justiça, da Paz e da Ecologia, Integridade da Criação, sua salvaguarda e reverência a ela são os pilares de uma nova criação, os ângulos de um novo paradigma em elaboração.

INTRODUÇÃO

Uma vez trocada a cor das lentes, é inevitável a mudança da percepção de tudo o que se vê. Num primeiro momento o verde se tornou a cor típica dos ecologistas, e chegou a existir um Partido Verde. A relação com o verde das plantas e árvores parecia encerrar todo o capítulo das relações ecológicas do ser humano. A poluição do ar, os buracos na camada de ozônio, o efeito estufa aquecendo a temperatura do planeta, a proteção aos animais, principalmente àqueles em extinção, a recuperação da vida nos rios, do ar nos grandes centros urbanos e outras questões análogas monopolizavam a temática ecológica de algum tempo atrás.

Hoje em dia, muita coisa mudou e está mudando quanto ao conceito de ecologia e meio ambiente. Não só o verde, mas um arco-íris de cores começa a caracterizar o movimento ecológico. A preocupação não está limitada ao ar poluído pela fumaça que sai das chaminés das fábricas e escapamentos de carros, ônibus e caminhões. O interesse do eco-socialismo é também

pelo clima reinante dentro das fábricas, antes que a fumaça seja lançada ao ar. A preocupação está voltada não só para as relações entre TRABALHO E CAPITAL, mas também para as relações entre a EMPRESA E MATÉRIA-PRIMA.

Na esteira do repensar a tecnologia e o modelo de vida imposto ao planeta pela "civilização branca, européia e cristã-ocidental" nestes últimos 500 anos, os religiosos e religiosas cristãos, como também de outras religiões, estamos repensando e recriando nosso modo de vida à luz destes fatos novos como também à luz de nossas UTOPIAS originárias. A partir de uma ocular não apenas verde, mas com todas as 7 cores do arco-íris; partindo de uma ecologia profunda e radical estamos recuperando e recriando o carisma fundacional da vida religiosa consagrada ao Reino de Deus e sua Justiça.

I. ALGUNS FATOS

1. Peregrinação eco-evangélica pelo Vale do Rio São Francisco

No dia 4 de outubro de 1992 teve início na Serra da Canastra, sul de Minas Gerais, na nascente do Rio São Francisco, uma peregrinação que só terminou no dia 4 de outubro de 1993, na foz do mesmo rio, no Estado de Alagoas divisando com Sergipe.

Frei Luiz Flávio, Irmã Conceição, o agricultor Orlando e o sociólogo Adriano caminharam durante 1 ano, percorrendo 2.700 km. A preocupação com a vida do rio e as demais vidas que dele dependem

foi a motivação fundamental para tão grande esforço. A mística de Francisco de Assis foi a grande inspiradora dos caminheiros, tanto assim que carregaram por toda a parte, durante os 365 dias, uma estátua de São Francisco convivendo fraternalmente com os passarinhos.

Percorrendo os Estados de Minas, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas realizaram 737 celebrações; 760 encontros diversos com estudantes, sindicalistas, políticos, ecologistas, pescadores, tribos indígenas etc; 46 encontros com Câmaras de Vereadores; 35 encontros com Prefeituras Municipais; 15 encontros com Empresas; várias entrevistas para 38 emissoras de rádio, 15 canais de televisão e 45 jornais.

Ao terminar seu relatório os Peregrinos do Rio São Francisco concluem:

“A situação de morte no Vale do São Francisco é parte de uma crise que vivemos em nível global, em que o sonho do **DESENVOLVIMENTO SEM LIMITES** gerou o subdesenvolvimento para a imensa maioria dos povos e o sonho da dominação sobre a natureza provoca a sua rebelião, ameaçando a vida no Planeta.

Podemos afirmar que o sopro ecológico possibilita a existência de uma Comunidade Religiosa mista, ecumênica, peregrina e missionária pelo espaço de 1 ano. É o movimento ecológico nos levando a descobrir um novo modo de ser religioso/a?”

2. Quaresma Ecológica

Certa Comunidade Católica resolveu viver o tempo quaresmal com um toque ecológico. Depois de muita reflexão, resolveram misturar o verde ao tradicional roxo dos tempos de conversão quaresmal. É o novo incorporando-se ao velho para renovar-lhe a vida nova.

A caminhada começou com a Quarta-feira de Cinzas. Receberam a cinza na testa, mas também trouxeram terra e sementes

ou mudas de árvores, flores ou ervas medicinais. Foi o dia do plantio ou semeadura.

Durante toda a Quaresma viveram, principalmente as crianças, o “fantástico show da vida”. Refletiram não só na vida humana, mas na vida em geral: a vida da terra, da semente, da água, do sol, do ar, dos animais etc. Há um ditado popular do roceiro do interior que diz: “Água fria em terra quente (= ensolarada) arranca (= germina) a vida da semente!”

No Domingo de Ramos, em vez de quebrar galhos das árvores, os 300 membros daquela Comunidade percorreram as ruas do bairro com suas plantas nas mãos, com cartazes e faixas explicativas. Além das bênçãos de Deus, receberam o aplauso e adesão da população local.

Na Sexta-feira Santa, assim como o madeiro da cruz foi plantado no monte Calvário, eles plantaram aquela vida semeada, cultivada e rezada com tanto carinho durante todo o tempo da Quaresma.

Se a Comunidade continuar com esta ecoliturgia quaresmal, dentro de alguns anos o bairro estará totalmente rearboreado, ressuscitando uma natureza que foi destruída por um modelo de relação gerado pelo que podemos chamar de “antropocentrismo exacerbado, arrogante e utilitarista”, sem visão da globalidade do tempo e do espaço.

Neste fato podemos ver como o vento ecológico entra pelas janelas e portas da Igreja gerando uma nova forma de celebrar a Liturgia.

3. Alimentação alternativa e medicina caseira

Na manhã de uma quinta-feira de julho de 1993, na cidade de Bacabal, Maranhão, encontrei-me com Frei Klaus, médico alemão e um dos responsáveis pela difusão do soro caseiro no Brasil. Como início de conversa ele me disse:

“Eu quero alertar os ecologistas para o fato de que estão muito empenhados na defesa da vida e da floresta amazônica. Isto é bom! Mas não se esqueçam de cultivar a própria vida e defender a flora e fauna intestinal. Com os alimentos que ingerem e como ingerem; da maneira como tratam a saúde estão cometendo grandes violências contra si mesmos!”

“Cada um come e bebe o veneno que quer!” – dizia um missionário da Amazônia. Todos os animais nascem sabendo instintivamente o que devem comer e qual a maneira de curar-se de doenças. Muitos de nós já devemos ter observado o que faz um cachorro quando fica doente: retira-se para um canto, corta toda alimentação e vai comer capim e ervas que seu faro lhe diz serem medicinais. O único animal que nasce ignorante e precisa aprender é o ser humano.

Infelizmente, já no colo materno, aprende muita coisa errada e durante toda a vida tem de procurar a verdade de tudo, também da correta medicação de sua saúde, quando enfermo, e a alimentação mais saudável.

A alimentação alternativa e a medicina caseira começam a entrar na vida de religiosos/as e quem sabe, dentro em breve, os conventos e mosteiros serão verdadeiros oásis no deserto consumista, oferecendo nos centros das cidades um espaço onde as pessoas possam recriar-se totalmente. Se os conventos e mosteiros se tornarem laboratórios de recriação da vida das pessoas e também do corpo sociopolítico, estaremos diante de algo novo ou estaremos diante de uma simples volta às origens?!

4. Ecologia e Vida Religiosa Inserida

De 12 a 17 de agosto de 1994 realizar-se-á, em Recife, um seminário sobre Ecologia e Vida Religiosa Inserida nos Meios

Populares. É mais uma etapa da preparação para o Congresso da VRI no nível do Cone Sul, em abril de 1995. Na esteira deste processo, em novembro de 1993, encontraram-se em Belo Horizonte cerca de 40 delegados/as das regionais da CRB. Na avaliação deste encontro alguém afirmou algo de fundamental importância:

“O povo pobre e excluído, em sua vida e em sua prática, já tem muita coisa defendida pela Ecologia. Falta explicitar, trazer ao nível do consciente, organizar e aprofundar tudo isto que eles já vivem!”

Num mocó não pode faltar um gato, um cachorro ou alguma planta que são integrantes daquela comunidade de empobrecidos e excluídos da sociedade. Na medida em que os/as religiosos/as se inserem nestes meios, vão aprendendo a viver a fraternidade universal. Realmente os pobres podem ser grandes mestres dos/as religiosos/as, se souberem ser bons alunos da vida.

Em São Paulo, os catadores de papelão diziam que com seu trabalho estavam possibilitando a reciclagem do papel e evitando a derrubada das matas.

Muitos elementos ecológicos das culturas indígenas e africanas foram destruídos ou perdidos com o domínio da civilização industrial européia, mas há muita coisa ainda sobrevivendo e resistindo. Certamente o GRENI (= Grupo de Religiosos/as Negros/as e Indígenas) poderá trazer uma enorme contribuição para o renascer da vida religiosa consagrada.

II. ECOLOGIA

1. Objeções e acusações

a) Ecologia é luxo dos ricos. É onda que vem do Hemisfério Norte. Querem limpar sua casa, seus países, jogando o lixo (empresas poluidoras) nos países pobres do

Hemisfério Sul. Estas empresas poluidoras ainda gozam de grandes incentivos fiscais no Terceiro Mundo. E, para complicar ainda mais, os ricos responsabilizam os pobres pelos erros ecológicos que eles próprios cometeram ou ainda cometem.

b) Ecologia é discurso de especialistas que já têm solucionadas as questões básicas da existência. Para quem luta pela sobrevivência (alimentação, moradia, trabalho, transporte, educação etc.) não dá para perder tempo com este romantismo burguês. Como preocupar-se com a natureza, plantas e animais quando o ser humano está jogado no lixo?

c) A concepção judeu-cristã de vida e religião (Gênesis 1) colocou as bases teológicas para o modelo de sociedade que aí está.

Estas e outras objeções são feitas ao movimento ecológico ou a nós judeu-cristãos. Merecem resposta ou esclarecimentos. Em tudo isto está embutido o próprio conceito que se tem de Ecologia. No decorrer deste artigo queremos colocar alguns elementos de resposta.

2. Mudança nas relações

a) Teocentrismo panteísta

Nos tempos pré-modernos, a humanidade não tinha explicação para muitos fenômenos da natureza e deixava-se dominar pelo medo. Outros fenômenos eram interpretados como intervenções das divindades e daí nasceram atos religiosos para aplacar os sentimentos de ira dos deuses ou conquistar sua benevolência. Talvez possamos afirmar que com a Renascença começa uma nova era nas relações do ser humano com a natureza. O humanismo nascente leva ao desvendamento dos mistérios. O medo se esvai e estudos científicos vão mostrando que tudo isto não é sentimento de divindades enraivecidas, mas

manifestações energéticas do universo numa fantástica busca de equilíbrio entre o caos e o cosmos.

b) Antropocentrismo exacerbado

Figuras geniais como Descartes, Galileu Galilei, Newton foram decisivas para esta mudança de relações entre o ser humano e a natureza. Por meio da razão instrumental e científica, o homem não só desvendou muitos mistérios da natureza, mas fez dela um objeto de manipulação e dominação. O desejo descontrolado de poder e ter levou a humanidade a crer num desenvolvimento sem limites, como se os recursos da natureza fossem inesgotáveis e tudo estivesse única e exclusivamente a seu serviço.

O ser humano julgou-se no centro de tudo e autodeclarou-se rei da criação, esquecendo-se de sua condição de colaborador e jardineiro do Éden. Caiu num antropocentrismo exacerbado e arrogante que o levou a grandes feitos em praticamente todos os setores da existência, mas também transformou-se num verdadeiro satã do universo.

Sentado no trono e julgando-se rei da criação o homem branco, europeu, ocidental fez a leitura da Bíblia e nela foi encontrando bases teológicas do seu desatino. É o contexto condicionando a leitura do texto.

Antes prevalecia a concepção teocêntrica ou panteísta. Nos tempos modernos, prevaleceu o antropocentrismo, chegando-se ao extremo de um atestado de óbito para Deus e da formação de um Estado ateu e militante nos países regidos pelo comunismo marxista.

Todas as criaturas são valorizadas de acordo com sua utilidade às necessidades ou cobiça do homem moderno. Este utilitarismo antropocêntrico vai justificar enormes destruições no planeta, verdadeiros eco-cídios que poderão levar ao colapso total da vida na biosfera.

O ser humano objetivou de tal forma a natureza, que chegou a pensar que ele mesmo não faz parte dela. A perda da visão global (holística) levou a humanidade a uma dicotomia desastrosa.

Este antropocentrismo exacerbado e arrogante, a ganância de ter e poder, a paranóica dicotomia entre o ser humano e o seu meio ambiente são componentes básicos deste modelo insustentável de vida que foi imposto praticamente em todos os rincões do planeta, e aqueles povos que ainda vivem em outras culturas desejam ardentemente adotá-lo.

Até mesmo o mundo religioso e o moral foram infiltrados por este modo de pensar e viver. O ex-secretário do meio ambiente José Lutzenberg fazia este questionamento à moral cristã: "Por que não se considera um pecado mortal a derrubada de uma árvore de 2 mil anos, patrimônio vivo do planeta, só porque ela será útil no fabrico de móveis ou papel?!"

c) Novo paradigma eco-feminista-holístico

O colapso desse antropocentrismo e de uma percepção fragmentada e mecanicista do universo abre espaço para um novo paradigma de percepção e articulação da vida, em sua individualidade como também em sua globalidade.

O termo ECOLOGIA (OIKOS=casa + LOGOS=reflexão) foi cunhado pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866. Inicialmente era o estudo da interdependência dos seres vivos com o meio ambiente. Hoje, quando se fala Ecologia se tem um conceito bem mais abrangente: não só os estudos, mas também a relação e a interação, dependência e interdependência que todos os seres têm entre si, sejam vivos ou não. Este intrincadíssimo tecido de todas as criaturas tem conexões por todos os lados e tem um grande dinamismo. Limitar a questão ecológica ao verde da natureza é falsificar e

escamotear o problema em suas indagações mais profundas. O ecoconsumismo tem feito isto em larga escala.

Ecologia não quer apenas saber como está o ar depois que a fábrica lançou a fumaça e os gases pelas chaminés, mas lhe interessa também o meio ambiente em que vive o trabalhador dentro da empresa nesta terrível luta de classes gerada pela divisão entre Trabalho e Capital. A Ecologia quer também saber a quantas anda a relação entre o projeto de produção e os limitados recursos de matéria-prima de que dispõe nosso planeta. "A terra é capaz de atender às necessidades de todas criaturas, mas não consegue satisfazer a cobiça de um único ser humano!", dizia Mahatma Gandhi.

"Ao afirmar a interdependência de todos os seres, a ecologia funcionaliza todas as hierarquias e nega o direito do mais forte. Todos os seres, por microscópicos que sejam, contam e possuem sua relativa autonomia. Nada é supérfluo ou marginal" (L. Boff em *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*).

Hoje atravessamos uma crise de visão, de percepção do mundo. O que está em questão é a trama de representações, conceitos e valores por cuja mediação a humanidade realiza sua inserção na vida e no processo histórico. É este paradigma que está em fase de recriação radical. A filósofa militante Nancy Mangabeira oferece uma boa contribuição em seu livro *O Encantamento do Humano - Ecologia e Espiritualidade*: "Os novos conceitos em física provocaram uma profunda mudança em nossa visão do mundo; passou-se da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica, que reputo semelhante às visões dos místicos de todas as épocas e tradições".

Também no livro *Ponto de Mutação* de Fritjof Capra, destacam-se afirmações como a que encontramos no prefácio: "Vivemos hoje num mundo globalmente

interligado no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece”.

É no emaranhado deste caos que emergem inúmeros movimentos, nos diversos setores e níveis da sociedade, tentando dar sua contribuição para desarticular de vez a velha ordem e implantar um novo cosmos. Movimentos que buscam o convívio num pluralismo cultural; uma relação de harmonia entre o ser humano e a natureza; entre trabalho e capital; uma reciprocidade entre homens e mulheres como também a harmonia entre o masculino e o feminino dentro de cada ser. A mundialização tecnológica, econômica e cultural se torna sempre mais palpável. De todos estes movimentos emergentes, parece-nos que o ecológico é um dos mais abrangentes, que toca na raiz de toda a crise, que conseguiu mobilizar a humanidade toda numa “ágora planetária” como aconteceu na Rio-92.

O Movimento Ecológico não só está afirmando que este modelo de desenvolvimento industrial, consumista, gerado na Europa, branca, ocidental e cristã, e implantado praticamente em todo o mundo é inviável em seus princípios fundamentais, mas também busca ele nas culturas arcaicas e ciências pós-modernas as bases de uma nova ordem que alguém chamou de “democracia cósmica”.

A Ecologia, o Feminismo e o Holismo são referências fundamentais na elaboração deste novo paradigma de percepção e articulação da vida no planeta.

III. A VIDA RELIGIOSA

Em 1994 teremos um Sínodo Mundial de Bispos que enfrentarão o tema “A missão da Vida Religiosa Consagrada na Igreja e no Mundo de Hoje”. De todas partes

do mundo chegam contribuições para a Comissão coordenadora em Roma. O caráter profético deste modo de vida certamente está em destaque. Anunciar os desígnios de Deus é fazer profecia e implica a denúncia dos desmandos humanos.

1. Profecia da denúncia: “Ai de vós...”

Este aspecto da profecia está muito evidente na vida e pregação de Jesus Cristo. O Sermão da Montanha (Lc 6,25ss) como também seu permanente conflito com os escribas e fariseus revelam este lado da profecia denunciadora.

Os profetas do Antigo Testamento (Oséias, Isaías) são veementes quando denunciam a quebra da Aliança.

Todos que denunciam a injustiça, a mentira, a falsidade, a hipocrisia dando nome aos bois pagam caro sua coragem de ser fiel a Deus.

É preocupante ver certos tratados e discursos de espiritualidade que excluem esta dimensão. É desastroso também quando a denúncia profética não é feita com amor. Dr. Mário Carvalho de Jesus, advogado trabalhista da cidade de São Paulo e adepto da não-violência ativa, pergunta certa feita a um jovem padre belga, recém-chegado ao Brasil, que vivia muito indignado diante de tanta desigualdade social:

“Padre, o senhor quer fazer a revolução porque está com ódio aos ricos ou porque tem amor aos pobres?”

Santo Agostinho já ensinava com muito acerto: “Odeia o pecado e ama o pecador!”

2. A profecia do anúncio: “novo céu e nova terra!”

Embora os dois pólos sejam constitutivos do carisma profético, denúncia e anúncio, nos dias de hoje certas denúncias já quase saturaram a consciência da socieda-

de. Ninguém agüenta mais certos discursos denunciadores da injustiça e miséria em que vive o povo. Todos querem soluções ou encaminhamentos do problema.

Hoje o profeta deve antes de mais nada anunciar uma boa nova em meio a tanta calamidade. É hora de fazer uma profissão de fé: em quem e em que acreditamos. Quando se fala no fim da História é hora de anúncio da UTOPIA DO REINO DE DEUS E SUA JUSTIÇA. Quando tantas lideranças vivem num eclipse de futuro é preciso que os religiosos sejam PROFETAS DA ESPERANÇA.

Como diz o apóstolo Pedro, é hora de "dar a razão de nossa esperança". Os pólos capitalismo x comunismo estão superados, são páginas viradas no livro da História. Bem ou mal escrita, não vem ao caso. São coisas do passado, que servirão de lição para o presente e futuro.

Hoje, mais do que ontem, vale o ditado "Em vez de açoitara trevas acenda uma luz!"

CONCLUSÃO

O Papa Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, como também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, quando dão diretrizes pastorais para a Igreja dizem taxativamente o que esperam dos/as religio-

sos/as. Devemos estar nas fronteiras, ou trincheiras, do Reino de Deus e sua Justiça, colocando em risco a própria vida ou mesmo a espiritualidade. Temos de correr riscos. Podemos acertar ou errar em nossa tentativa. Mesmo quem erra ao arriscar-se está dando sua contribuição.

Temos de caminhar junto com este NOVO na qualidade de fermento na massa do processo em andamento. Não somos donos, nem pretendemos ter a hegemonia do processo histórico. "Caminhar juntos sim, mas nunca misturados!", diz Adolfo Perez Esquivel, argentino, Nobel da Paz de 1980. Temos uma contribuição própria para dar e não podemos negá-la.

Os valores da JUSTIÇA, da PAZ e ECOLOGIA (Integridade da Criação, Salvaguarda da Criação, Reverência à Criação) são pilares de uma nova construção. São 3 ângulos envolvidos pelo mesmo círculo do novo paradigma em elaboração.

A dimensão feminina de todo ser; a percepção de que tudo está unido a todos; o ressurgimento de uma forte espiritualidade colocando em crise as tradicionais instituições religiosas são facetas desta manifestação do Espírito em nossos dias. A Vida Religiosa Consagrada ou está identificada e a serviço deste sopro que renova a face da terra ou perde sua razão de ser.

PARA LER E REFLETIR

1. Gênesis 1 e 2 - A CRIAÇÃO

2. Levítico 25

3. Salmo 104

4. Isaías

5. Romanos 8

6. Nancy Mangabeira Unger, *O Encantamento do Humano - Ecologia e Espiritualidade* Edições Loyola, São Paulo 1992.

7. Leonardo Boff, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*.

8. Tratado das ONGs - Eco-92.

9. Fritjof Capra, *O ponto de mutação*.

10. J. Moltmann, *Doutrina Ecológica da Criação*.

11. Santo Domingo, Documento Oficial, Edições Loyola, São Paulo, 10ª edição, 1994.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. A ecologia, repensando a tecnologia e o modelo de vida imposto ao planeta pela "civilização branca, européia e cristã-ocidental", tem levado a vida religiosa a repensar seu próprio modo de vida à luz de suas utopias originárias. Você percebe em sua comunidade, província ou congregação, algum sinal de que isto esteja sensibilizando as pessoas? O que é observável objetivamente?
2. A ecologia prega a relação e a interação, dependência e interdependência que todos os seres têm entre si. Com isso relativiza-se um antropocentrismo exacerbado em que o ser humano tinha um caráter de absoluto referencial. Você acredita que isto é compatível, está de acordo com a concepção bíblica do ser humano que nos é transmitida na Igreja?
3. A vida religiosa sensibilizada para a ecologia tem o seu caráter profético marcado por denúncias e anúncios específicos. Quais deles você e sua comunidade poderiam assumir, tendo em vista a realidade concreta em que estão?

NOSSA EXPERIÊNCIA DE VIDA RELIGIOSA FEMININA APOSTÓLICA PÓS-CONCÍLIO

Grupo de Reflexão Teológica da UISG
Roma/Itália

Nosso caminho pós-conciliar nos fez tomar consciência de um mundo inquieto e sedento.

Dentro desse mundo há sementes de morte e sementes de vida.

 grupo de reflexão teológica da UISG, presidido por Irmã Marguerite Letourneau, estudou as respostas aos Lineamenta, e Irmã Mary Milligan compôs o texto seguinte. Os membros do grupo eram: Lorraine Caza (Canadense), Congregação Notre Dame; Janice Farnham (Americana), Religiosa de Jesus e Maria; Maria Carmelita Freitas (Brasileira), Filhas de Jesus; Mary Milligan (Americana), Religiosa do Sagrado Coração de Maria; Theresa Okure (Nigeriana), Sociedade do Santo Menino Jesus; Maria Esther Posada (Colombiana), Instituto Filhas de Maria Auxiliadora; Mercedes Navarro Puerto (Espanhola), Irmãs Mercedárias da Caridade; Teresina Santiago (Filipina), Irmãs de São Paulo de Chartres (original em Inglês).

É O MOMENTO... NÓS ESTAMOS AÍ...

O Concílio Vaticano II convidou religiosos e religiosas para se porem a cami-

nho. Ele os convocou a tomarem seu lugar no meio do povo de Deus em marcha, a viver uma experiência de renovação referindo-se sem cessar às fontes de toda a vida cristã, aos carismas de seus fundadores, às novas condições de vida e ao sinal dos tempos. Já faz trinta anos que religiosas de vida apostólica respondem a este apelo. No limiar do Sínodo de 1994 sobre a vida consagrada, gostaríamos agora de dizer o que vimos, ouvimos e sentimos do Verbo que é vida, ao longo deste tempo.

Como quadro de testemunho, adotamos o Evangelho que aprendemos a considerar como regra suprema de nossas vidas. Nossas reflexões não têm nada de definitivo e são incompletas; elas constituem no entanto uma palavra moldada pela experiência e pela contemplação ao longo de três decênios. Confiantes que nossa palavra se insere no prolongamento da missão de Cristo, nós a formulamos segundo categorias que evocam o itinerário missionário de Jesus e seu encontro com a Samaritana no poço de Jacó no Evangelho de João.

I. UM CAMINHO...

Caminhando, Jesus chega a uma cidade da Samaria chamada Sicar... Cansado pela caminhada, ele sentou-se junto do poço...

“Se você conhecesse o dom de Deus... você é que lhe pediria e Ele daria a você água viva...”

Nosso caminho pós-conciliar nos fez tomar consciência de um mundo inquieto e sedento. Dentro desse mundo, percebemos sementes de morte e sementes de vida.

Junto à descrença, à ignorância e ao ateísmo existe uma busca de Deus, de transcendência, e de significado... O crescente abismo entre ricos e pobres, uma cultura de morte e violência estão em paralelo com a busca contemporânea de relações mais justas entre povos e nações, nova consciência mundial da dignidade das mulheres e um crescente respeito pelas periferias do mundo. Ao mesmo tempo em que o desejo da unidade e globalidade cósmica é mais evidente, não se pode deixar de constatar o aparecimento de exclusões e de divisões fundadas na cultura, na raça, no sexo, na classe social e na religião. As religiosas de vida apostólica partilham as alegrias e as esperanças, as penas e as angústias desse mundo.

Nós reconhecemos este mundo como nosso, como amado por Deus, como cenário da história e das culturas e como o lugar onde o Reino de Deus deve estabelecer-se. Nós nos colocamos no coração desse mundo como servidoras do Reino de Deus e discípulas de Jesus, enviadas para que todos e todas tenham vida. É nesse nosso mundo que recebemos a água viva do Espírito e é igualmente aí que partilhamos com nossos irmãos e irmãs.

II. UM ENCONTRO INESPERADO...

Uma mulher da Samaria vem buscar água no poço. Jesus lhe diz "Dê-me de beber"... A mulher Samaritana lhe diz: "Como! você que é um judeu me pede de beber a mim que sou uma mulher samaritana?" (Os judeus, com efeito, não tinham relações com os samaritanos.) "Senhor" lhe diz ela, "você não tem com que tirar e o poço é fundo. De onde você tira a água viva?"

Caminhando com o povo de Deus, tomamos cada vez mais consciência do fato de que é no meio do mundo que encontramos Deus, onde há trinta anos nós jamais teríamos pensado encontrá-lo. Como a mulher samaritana, temos encontrado a fonte da água viva na nossa vida cotidiana e nas nossas atividades. Nosso encontro tem sido profundamente pessoal, alimentado pela oração, e nos tem levado a encontros interpessoais com aqueles que são considerados "indesejáveis". No seguimento de Jesus e de seu Evangelho, as religiosas optaram prioritariamente pelos pobres e marginalizados, e é aí que freqüentemente temos descoberto o rosto de Deus. Como mulheres, nós nos deixamos tocar sobretudo pela vida dos "mais pequenos" de Deus, cuidando especialmente da vida que está apenas começando, a vida frágil, ferida, explorada. Isto nós temos feito tanto por meio de nossos serviços diretos como por meio das ações que denunciam as causas da injustiça e do abuso. Nós temos igualmente consciência da fonte de água presente em cada pessoa, particularmente nas mulheres, que nem sempre têm consciência de sua própria dignidade.

Nossos encontros têm sido muito diversificados. Como religiosas de vida apostólica, encontramos-nos muitas vezes com culturas que não são as nossas. E nelas temos sentido o desafio de descobrir as sementes do Evangelho e considerar a inculturação da mensagem evangélica como exigência da evangelização. Tais experiências nos têm enriquecido e nos fazem reconhecer maneiras diferentes de dar a vida pelo Evangelho. Mais profundamente, aprendemos que recebemos a água viva justamente das pessoas às quais tínhamos intenção de oferecê-la. Nosso serviço está todo marcado pelo sinal da reciprocidade.

III. UMA CONVERSA

"Senhor", lhe diz a mulher, "dê-me desta água"... Jesus lhe diz: "Vá, chame seu marido e volte aqui".

“Eu não tenho marido”, responde a mulher, e Jesus replica: “Você disse bem ‘eu não tenho marido’...”

“Cria-me, mulher, virá a hora em que nem nesta montanha, nem em Jerusalém adorarão o Pai”.

No decorrer desses anos foi com a Palavra de Deus que se deu a nossa conversa mais profunda. Esta Palavra nos chama à comunhão, ao reconhecimento do “outro (a)” dentro e fora de nossas comunidades, como parceiras (os) de diálogo cuja palavra tem seu valor. Da mesma maneira como Jesus conversando com a mulher samaritana ajudou a ver sua vida na verdade, assim nossa conversa com a Palavra e com os homens, mulheres e crianças nos tem ajudado a redescobrir nossa própria identidade e a nos tornarmos conscientes do fato de que o apelo à renovação é um apelo à conversão cotidiana.

Como mulheres da comunidade eclesial, temos um olhar holístico sobre a vida, a unidade do corpo e da alma; o bem de todos (as) e de cada um (uma) é importante para nós. Nós valorizamos muito a troca, por isso sofremos quando os relacionamentos nos nossos ministérios e na Igreja não levam em conta a troca e a reciprocidade, quando a linguagem e as estruturas nos excluem.

Os sinais e os símbolos são para nós meios de comunicação muitas vezes tão eloqüentes quanto as palavras, e nós valorizamos a variedade de expressões humanas das diversas culturas, da arte, da poesia e da música.

Reconhecemos que nem sempre nosso diálogo tem sido adequado. Algumas vezes nos faltou coragem de dizer a verdade com amor, e nem sempre temos vivido plenamente nossa vocação profética no interior da Igreja e do mundo.

IV. UMA REVELAÇÃO

A mulher lhe diz: “Eu sei que o Messias, aquele que chamam de Cristo virá.

Quando Ele vier, nos anunciará tudo”. Jesus lhe diz: “Sou Eu. Eu que falo com você”.

Deus tem-se revelado a nós no contexto histórico concreto de nossa vida. Nós temos encontrado o Cristo na oração pessoal e comunitária, no apoio de nossas irmãs, na amizade e na celebração, nos momentos de consolo e de iluminação que nos sustentam na longa caminhada. Alimentamo-nos na Eucaristia, Pão para o caminho. Longe de ser sempre luminosa e gloriosa, nossa experiência teve muitas vezes sombras e dores. Como discípulas de um Senhor crucificado, vivemos a experiência da incerteza, do fracasso, da humilhação e da falta de reconhecimento e somos profundamente afetadas pela injustiça e pela violência, tanto local como mundial. Nós temos acompanhado e partilhado a dor e o sofrimento de nossos companheiros de caminhada: os doentes e os oprimidos, os prisioneiros e as crianças, os velhos e as pessoas sozinhas, aqueles necessitados de educação e os que carecem de certo poder. Sempre mais numerosos, os pobres têm revelado Jesus de maneira especial, e nós desejamos manifestar o amor preferencial por eles em tudo aquilo que fazemos. Todos os nossos encontros com os necessitados têm contribuído para nos tornar discípulas mais fiéis desse Jesus que deu sua vida para a vida do mundo.

V. UMA MISSÃO

“A mulher, então, deixando lá seu balde, correu à cidade e dizia às pessoas ‘Venham ver um homem que disse tudo o que eu já fiz. Não será o Cristo?’ Elas saíram da cidade e se dirigiram para Ele”.

A Igreja é missionária por sua própria natureza, já que ela participa da missão de Jesus no mundo. Como todos os cristãos, as religiosas de vida apostólica partilham desta missão, procurando ser sinal e instrumento de unidade entre todos os povos.

Este é o eixo de nossa vida: partilhar a missão de Cristo e do Espírito Santo, ser enviadas ao mundo que Deus ama. Na sua essência, nossa missão não consiste tanto naquilo que fazemos, mas no fato de sermos enviadas para estender o Reino de Cristo em nós mesmas e no mundo. E é com todos (as) os (as) batizados (as) que procuramos discernir o plano de Deus e a ação do Espírito Santo no mundo. Como a mulher Samaritana, convidamos as mulheres e os homens de nosso tempo a se voltarem para o Salvador do mundo e a descobri-lo pessoalmente.

Para dialogar com nossos contemporâneos, sobretudo com os jovens, é preciso encontrar uma linguagem compreensível. Que linguagem, que símbolos, que tradição são mais adequados para proclamar um Deus Universal na rica diversidade das culturas? Como falar aos famintos de um Deus fonte de toda bondade? ou, aos oprimidos, de um Deus fonte de toda justiça?

Nós temos a convicção de que tanto os métodos como a mensagem da nova evangelização devem ser dialógicos e vivificadores. E nós vamos continuar buscando os meios para enfrentar o "maior drama do nosso tempo": a ruptura entre o Evangelho e a Cultura.

Nós entramos no diálogo da salvação como mulheres sensíveis à vida e conscientes da situação de tantas de nossas irmãs cujas vidas estão ameaçadas. Expressamos nossa solidariedade especialmente com as mulheres da Europa Central e do Leste, que durante anos estiveram impossibilitadas de exprimir abertamente seu compromisso religioso e que, de uma maneira bem concreta, devem descobrir seu próprio caminho, como religiosas de vida apostólica. Desejamos igualmente encorajar aquelas que, em tantos países, dão suas vidas pelo Evangelho e que, pela sua fidelidade até o martírio, nos lembram o verdadeiro sentido da palavra "testemunho".

VI. UMA TRADIÇÃO

"Um semeia, outro colhe; eu enviei vocês para colher lá onde vocês não plantaram; outros plantaram; e vocês vão herdar os frutos de seus trabalhos".

Temos consciência de fazer parte de uma longa tradição de mulheres que, no decorrer da história, viveram a vida no Espírito.

A água viva da santidade que elas representam é como "o rio de água de vida límpido como cristal que jorrava do trono de Deus e do Cordeiro, no meio da praça da cidade..." Este rio corre desde a história da criação de que nos fala o Gênesis até a visão final do Apocalipse. Em seu seio, Maria, a mãe de Jesus, sua primeira e sua mais fiel discípula, tem um lugar privilegiado. Aprendemos com ela como cuidar da vida, como guardar todas as coisas em nossos corações, como nos conservar ao pé da cruz, como perseverar na oração com os discípulos (as) que esperam a vinda do Espírito. A água da vida e da santidade nos chega, de maneira especial, por meio de nossos fundadores e fundadoras. Como homens e mulheres sensíveis à presença de Deus e a seu próprio contexto histórico e social, eles (as), seguindo corajosamente a inspiração do Espírito, suscitarão esta rica diversidade de congregações que é tão benéfica para a Igreja.

Individualmente e como congregação, estamos conscientes da nossa responsabilidade de continuar a tradição de santidade e de serviço que a vida religiosa apostólica representa dentro da Igreja. Sabemos que, em algumas partes do mundo, muitos jovens continuam a responder ao chamado da Vida Religiosa. Em outros lugares, no entanto, a diminuição do número de candidatas é dramática e a idade média nos institutos apostólicos é elevada. A experiência das jovens Igrejas e de outras formas de vida consagrada – as novas formas

em particular – pode dar à vida religiosa apostólica um impulso criativo para reanimar a chama dos nossos carismas de origem na sociedade de hoje. Continuamos a crer que o apelo de seguir Jesus pobre, casto e obediente no serviço ao mundo é um dom de Deus que a Igreja recebeu do Senhor, um dom que se nutre de nossa própria vida de serviço, de comunhão e testemunho fiel ao Evangelho.

VII. UMA PERGUNTA

Seus discípulos chegaram. Eles ficaram surpresos ao vê-lo falando com uma mulher. Entretanto nenhum disse: “O que Ele quer dela?” ou “Por que Ele fala com ela?”

Hoje lamentamos a hesitação dos discípulos em fazer suas perguntas a Jesus. Esperamos que o Sínodo seja uma ocasião para escutar novamente estas questões e dar uma resposta inspirada pelo Espírito. No mundo de hoje, as mulheres estão descobrindo novas facetas da tarefa que Deus lhes confiou para a vida da comunidade humana. Nossa experiência vivida oferece-nos possibilidades de encontros privilegiados com mulheres de todo o mundo. Partilhamos suas necessidades, seus sofrimentos e suas aspirações de uma plena participação na vida da Igreja. Conscientes de que quatro de cada cinco pessoas engajadas na Vida Religiosa são mulheres, nós pressionamos os membros do Sínodo a levar a sério nossa experiência, a favorecer o diálogo aberto no processo sinodal e a buscar a maneira de:

– Eliminar a dicotomia freqüente entre as declarações oficiais da Igreja a respeito da dignidade da mulher e a prática atual de discriminação;

– Incluir amplamente mulheres competentes nas suas tarefas e tomadas de decisões; nos processos de reflexão e nos ministérios eclesiais, incluindo posições-chaves na Cúria.

OS CAMPOS ESTÃO PRONTOS PARA A COLHEITA

Assim como no tempo de Jesus, os campos hoje estão prontos para a colheita. Tendo encontrado Jesus e recebido seu ensinamento, como a Samaritana, as religiosas de vida apostólica são enviadas a proclamar ao próximo o que aprenderam com Ele.

Essa dinâmica que consiste, para nós, em fazer encontrar o objeto de nossos desejos e ser enviadas em missão para partilhar nossa experiência repete-se sempre, renovando-se através dos séculos. É a mesma dinâmica experimentada por Maria Madalena, esta apóstola junto aos apóstolos, na manhã do primeiro domingo de Páscoa, há tanto tempo. Como ela, nós também ouvimos a antiga pergunta: “Diz-nos, Maria, o que você viu no caminho?” É a pergunta que tentamos responder aqui. Como Maria Madalena, nós também confessamos ter visto certos sinais de morte – um túmulo vazio, um lençol –, mas nós os interpretamos como sinais de vida e esperança. Como efeito, vimos a glória do Ressuscitado. Nossa reflexão nesses trinta anos de experiência pós-conciliar arranca de nós o mesmo grito que a liturgia coloca nos lábios de Maria Madalena: “Cristo, nossa esperança, ressuscitou de verdade”.

Esta é a mensagem que desejamos proclamar à nossa geração e às que virão.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A Equipe Teológica da União Internacional das Superiores Gerais afirma que, após trinta anos do Vaticano II, as mulheres se têm deixado tocar sobretudo pela vida dos mais pequenos de Deus, cuidando especialmente da vida que está apenas começando, a vida frágil, ferida, explorada. Observe o seu trabalho de religiosa, e de outras irmãs do seu grupo ou de outros grupos religiosos, verificando sinais da verdade desta afirmativa.
2. A religiosa mulher da época pós-conciliar valoriza muito a troca e a reciprocidade e sofre quando a linguagem e a estrutura as excluem nas atividades da Igreja. Avaliando a realidade de sua Igreja local, onde você e sua comunidade atuam, o que você poderia dizer daquela afirmação?
3. Para dialogar com nossos contemporâneos, sobretudo com os jovens, é preciso encontrar uma linguagem compreensível. Que linguagem, que símbolos, que tradição são mais adequados para proclamar um Deus Universal na rica diversidade das culturas?

OS POBRES, O MELHOR CRITÉRIO CATEQUÉTICO

Fr. Bernardo Cansi, OFM Cap.
Brasília/DF

Quando os pobres receberem o primeiro lugar e nossas salas se encherem de maltrapilhos, a catequese estará ganhando o rosto de Cristo, os pés de Cristo, o coração e a ternura de Deus.

Quando falamos em catequese temos em mente o processo que o Documento 26 da CNBB – *Catequese Renovada, Orientações e Conteúdo* – realizou ao longo de cerca de uma década em todo o Brasil.

Não podemos nesta altura afirmar ou reduzir o Documento 26 apenas como fonte única da Catequese no Brasil. Já temos outras fontes que ajudam e ajudaram o processo educativo da fé a desenvolver-se no País.

Queremos apenas citar *Textos e Manuais de Catequese* (Série Verde da CNBB, nº 53). Tal texto deu as pistas básicas de como elaborar novos textos a partir das Orientações dadas pelo Episcopado brasileiro.

Formação de Catequistas (série Verde, nº 59) também faz parte das reflexões posteriores à CR. Este estudo colaborou para esculpir o novo rosto dos catequistas, muito diferente ao do Catecismo da Doutrina Cristã, que apenas exigia do educador da fé simples conhecimentos das fórmulas do catecismo.

A Catequese Renovada poderia ser mais RENOVADA se os catequistas tivessem guardado como critério básico a opção Preferencial pelos Empobrecidos. Temos história catequética para discernir porque os catequistas não guardaram tal opção profunda e evangélica como a primeira e mais comprometedora decisão catequética.

O Instrumento de trabalho chamado “Orientações em Torno do Conteúdo da Catequese” de 1981 (cf. Comunicado Mensal da CNBB-abril/1981), na II Parte, artigos 53 e 54, afirma claramente que a Opção Preferencial pelos pobres era o PRIMEIRO CRITÉRIO “para uma catequese realista e autêntica hoje”.

O artigo 53 afirma: “Após Puebla, a Opção Preferencial PELOS POBRES significa também para a Catequese uma verdadeira guinada. A partir desta opção, os objetivos vão ser redefinidos, os recursos humanos e materiais serão redistribuídos, a metodologia deverá ser revista profundamente, no sentido de dar a palavra ao povo e de ouvi-lo. Tudo isso numa linha não paternalista, mas fraterna e respeitosa”.

Há neste texto uma guinada revolucionária em todo o proceder da catequese. Há, na verdade, uma profecia inédita. Há uma linguagem nova, desafios exigentes, uma perspectiva renovadora tanto na formação como na fisionomia do processo educativo da fé na Igreja do Brasil.

Vejamos alguns detalhes, aspectos provenientes, conseqüências práticas desta Opção renovada pelos empobrecidos.

A tentativa é, ideal e concretamente, resgatar a força transformadora de tal opção evangélica. Ela requer da cabeça aos pés, da hierarquia aos seus membros uma radical mudança. Esta atitude renovadora foi assumida por Cristo, que, nascendo, vivendo e fazendo-se um igual aos pobres, modificou as raízes da religião, o comportamento daqueles que querem segui-Lo. Os pobres são o ponto de partida do evangelizador. Eles serão não OBJETO da evangelização, mas SUJEITOS; não ocuparão o último, mas o PRIMEIRO LUGAR.

UMA VERDADEIRA GUINADA HISTÓRICA

Uma guinada, uma reviravolta, uma mudança de 180 graus na catequese do Brasil. Se antes do Concílio Vaticano II (1962-1965) a catequese tinha como meta a recepção dos sacramentos, agora tem como finalidade a "educação progressiva, permanente, orgânica da fé" (cf. Puebla, 977) das pessoas, das comunidades, das famílias, atingindo a sociedade, a política, a economia, a libertação integral dos cristãos (cf. CR 318).

Guinada porque vai transformar a fisionomia da catequese e do catequista, da Igreja e da sociedade.

Com a catequese paroquial, separada da família, dos problemas sociais, o centro de todo o processo eram as crianças, atingindo-as no nível apenas intelectual.

Agora queremos atingir a realidade de hoje em que vive a maioria da população. A guinada vai acontecer em toda a estrutura da catequese. Vai mudar de "lugar social". Mudando de "lugar social" a catequese vai modificar sua linguagem, suas metas, sua pedagogia, sua metodologia etc.

MUDANÇAS DE OBJETIVOS

Se os objetivos anteriores eram receber os sacramentos, aprender decoradamente

algumas fórmulas dogmáticas, sendo o lugar a paróquia, visando particularmente à recepção do Batismo, da Eucaristia, da Reconciliação, Confirmação, para alguns, o Matrimônio, agora tem como objetivos primordialmente a educação da fé, da esperança, da caridade, da justiça, ou seja, do seguimento, da conversão a Cristo, à Igreja. Sem a formação de comunidade, testemunhas vivas de Jesus, é muito difícil afirmar que houve mudanças de objetivos na catequese.

Quando se afirma que os sacramentos não são o objetivo da catequese, muitos catequistas ficam apavorados. Outros ficam perplexos e em crise intransponível; outros criticam a coordenação por ter insistido tanto nos sacramentos como finalidade fundamental da catequese.

Há aqueles que ficam calados e, por não compreenderem bem os fatos históricos que levaram a Igreja a dar destaque aos sacramentos, desanimam ou dizem: Vamos mudar de vez com a catequese; vamos mandar para casa as crianças e comecemos um modo novo de dar e organizar a catequese. Nem sempre conscientizam o suficiente os pais e acabam gerando uma confusão, um redemoinho na cabeça da comunidade e das famílias. E alguns párocos, incomodados com as ditas mudanças de objetivos, irritam-se e demitem a coordenação por julgá-la revolucionária demais.

É claro, o processo deve ser primeiramente bem conscientizado e bem preparado. O trabalho mais importante é com os adultos, com a família e com o clero.

Se mudam os objetivos, muita coisa concomitantemente poderá mudar. E toda mudança levanta poeira, suscita discussões e, algumas vezes, certos mal-entendidos.

Com calma, com bastante diálogo, as luzes poderão aparecer e a catequese engatilhará e crescerá enormemente.

Nesta questão dos novos objetivos, necessita-se informação e formação. A prática

vai mudar e os frutos não tardarão a aparecer. Contudo, é preciso estar atento para as conseqüências e o tempo que essa mudança precisa para se tornar uma praxe da comunidade. Sempre haverá catequistas que julgarão que é o catecismo de perguntas e respostas o objetivo básico da catequese.

OS RECURSOS HUMANOS

Este é outro pulo ou guinada que a catequese renovada assume por causa da Opção Renovada e Evangélica pelos Empobrecidos. Para a catequese de primeira comunhão das crianças, os recursos humanos eram rotineiros, comuns. Duas ou três pessoas executavam a tarefa, nem sempre com excelente preparação doutrinária e pedagógica. Os instrumentos eram simples e de fácil manuseio e bastante ao alcance das possibilidades econômicas dos catequistas e catequizandos. Quando o Padre tinha cinco ou seis catequistas, eram o suficiente para responder à demanda da comunidade.

Hoje, porém, os recursos humanos têm muita importância e são uma condição essencial para alcançar os objetivos da catequese. São as pessoas bem preparadas que conseguem objetivar a educação da fé nas comunidades. Podemos equipar o Centro Catequético com as mais sofisticadas conquistas da técnica moderna, mas, se não tivermos pessoas bem QUALIFICADAS, a catequese vai fracassar. O sucesso da caminhada catequética recai sobre a formação, a qualidade, as aptidões dos catequistas.

Supõe-se, outrossim, que haja uma equipe de mestres em catequese. Não é em todos os lugares do Brasil que a garantia da catequese é colocada na equipe de coordenação ou de mestres formados. As dificuldades administrativas, especialmente a dificuldade em ter pessoas disponíveis para assumir tal tarefa, dificultam acentuadamente a formação e a atualização permanente do corpo de catequistas. "A efi-

cácia de uma escola depende mais dos bons mestres do que de uma legislação. Os mestres que querem uma escola eficaz devem estar perfeitamente preparados e instruídos em suas respectivas disciplinas e devem estar dotados de qualidades morais exigidas por sua transcendental missão, ardendo num puro e divino amor aos jovens a eles confiados, precisamente porque amam a Jesus Cristo e a sua Igreja" (Pio XI).

Os Papas insistem que os catequistas e mestres da catequese devem ter uma formação humana, intelectual e moral. Realmente não é com mediocridade que a catequese vence os problemas e as questões referentes aos conteúdos, fontes, ciências afins à catequese. Precisamos de MESTRES exemplares, de escolas bem equipadas, de entusiasmo por parte dos pastores e das comunidades.

Mais catequiza aquele que dá o testemunho do que diz, do que aquele que diz e anuncia conceitos sobre Deus por meio de instrumentais modernos, como filmes, vídeos, teatro, drama, bonecos, fantoches, dinâmicas, mas não vive nada disto que comunica. A melhor comunicação é a vida, o exemplo da pessoa. As palavras, o vento as leva. Os exemplos ficam gravados no olhar, na pele, no interior dos ouvintes. Mais vale um testemunho ou uma vida consagrada ao bem do que milhões de livros e de discursos. Dos santos guardamos seu amor aos pobres. Muitos santos não deixaram sequer uma frase escrita, mas o povo comenta a pobreza, as vestes simples deles, o pão que repartiram, a casa cheia de mendigos e famintos. A fonte da santidade não é tanto aquilo que anunciamos como aquilo que vivemos. Viver a mensagem de Jesus é anunciar, é tornar-se o melhor comunicador de Deus. Podemos ir às televisões, aos rádios e falar tecnicamente da Bíblia, entre cânticos e arte, mas o que fica é aquilo que anunciamos a partir de nossa vivência e coração. Um coração cheio de Deus convence. Um belo sermão

um discurso podem prender os olhos, nem sempre, contudo, a alma da pessoa.

Os recursos humanos estão em primeiro lugar no processo educativo da fé. E a comunidade saberá zelar a fim de que tais agentes catequéticos sejam amplamente formados.

OS RECURSOS MATERIAIS

A técnica oferece-nos uma quantidade enorme de material catequético. Estão à disposição uma série de técnicas, dinâmicas de grupo, que auxiliam o aprofundamento dos temas catequéticos. Os textos contêm orientações pedagógicas atualizadas. Há professores qualificados que ensinam o manuseio do material moderno, como o uso da dança, dos símbolos, dos gestos, do corpo, do silêncio, da imagem, do som, a preparação do meio ambiente.

O que nos vem por meio dos programas de TV é algo que antigamente somente os sonhadores podiam imaginar. Mas é preciso aliar a alma à técnica. É o catequista que pode dar alma às coisas mortas, como fez São Francisco com as pedras, a água, a flor, a lua, o sol, as criaturas. Todo material catequético é sempre um meio, um caminho. O fim é maior do que os meios. Os recursos materiais são uma ponte que conduz à comunhão com Deus. Eles são importantes enquanto conduzem a Deus, abrem o caminho para a meta catequética. Nunca podem substituir a meta.

Todo ser é um visual do Criador. A fé cria a ponte e liga a Deus. Essa união, esse transporte até Deus, acontece pela fé. Quando uma pessoa tem fé, vendo as coisas começa a dialogar com Deus. Cada objeto concreto é uma fonte de inspiração, um motivo para conversar com Deus. Deus não deixou frases escritas, nem bibliotecas. Deixou-se a SI mesmo nas páginas da criação. Toda folha caída é uma memória de

Deus. Toda gota de orvalho que pinga sobre a grama é uma fala singela de Deus.

O material didático, os recursos técnicos que estão à disposição do educador da fé são archotes, lâmpadas que iluminam o olhar da fé e ajudam a pessoa a fazer o salto para a fé. A catequese não quer fixar-se no material didático, nos recursos técnicos. São caminhos que conduzem ao encontro com Deus.

A comunidade é a responsável em oferecer o melhor material didático ao catequista.

Quando a catequese, a comunidade, o grupo de educadores da fé optam preferencialmente pelos empobrecidos, o material usado na catequese tem as características do pobre. Quando não se opta pelos empobrecidos, normalmente os recursos materiais são usados como expressão da riqueza, da fartura, mas para os ricos apenas.

Afirmamos “que os recursos humanos e materiais serão retribuídos”, quando a opção preferencial for pelos empobrecidos. A maior parte dos educadores da fé volta-se para o lugar social do marginalizado. A catequese dos empobrecidos tem seu material adequado segundo a cultura própria dos catequizandos. Quando a catequese opta pelos empobrecidos, há maior participação e criatividade. Os mais abastados recebem as coisas, o material didático pronto, deixando pouco espaço para a originalidade dos catequizandos.

Jamais, por ser uma tarefa de grande responsabilidade, a catequese poderá empobrecer-se por falta de ajuda da comunidade. É uma pena ouvir de catequistas a seguinte queixa: nossa catequese vive das migalhas da comunidade. Temos material superado. Os pobres não são uma opção conseqüente. O material não tem os traços culturais dos pobres. Se a catequese, depois de longo tempo de conscientização, conseguiu chegar-se aos pobres, não significa que o material seja estragado, indig-

no dos empobrecidos. Eles têm o direito de receber a mensagem com os meios que a comunidade tem nas suas mãos. Nunca podemos relaxar quanto aos meios catequéticos. Demos-lhes os melhores. Não retardaremos a educação da fé nas comunidades por relaxamento na escolha e aquisição dos meios pedagógicos.

A má tendência é favorecer os grupos mais abastados com os melhores e mais modernos materiais didáticos. Para os do centro, nas catedrais, igrejas matrizes escolhem-se os melhores aparelhos de TV, vídeos, fitas, discos, textos, bíblias, salas, estantes, cadernos, brinquedos, xerox, mult copiadoras. E a vila recebe sempre material sobrando e de segunda mão. Desta forma, os empobrecidos ficam mais marginalizados. Não é deste jeito que nós estaríamos optando preferencialmente pelos empobrecidos.

A Catequese é convidada para ter o rosto e o coração dos pobres. É a partir deles que a catequese deve caminhar, traçando seus projetos, metas, formação de agentes. A catequese deseja aprender dos pobres. Pelo quanto a catequese se enraizar no meio dos pobres é que ela é **CATEQUESE VERDADEIRA**, evangélica, imitadora da prática catequética de Cristo Jesus. Ela tem um sinal de autenticidade se está com o rosto dos fracos, com as mãos dos pobres, com os sofrimentos do coração das crianças, dos jovens, das famílias sem recursos humanos e materiais, sem casa, sem emprego, sem escola. E é a maioria do povo que deve receber esta marca catequética.

De fato, se a catequese tiver suas raízes plantadas no chão dos empobrecidos vamos ter uma mudança visual, concreta, pastoral de toda a Igreja. Enquanto permanecer em dúvidas – se tem de descer aos pobres ou não – a catequese ficará com o rosto, a linguagem da alta classe, embora esta também deva ser catequizada. Mas a

catequese desta classe deve ter o rosto dos empobrecidos. Ela deve passar pela estrada, pela vida dos pobres. Os grandes se convertem, se salvam, se passam pela estrada dos fracos. Os pobres são o caminho da purificação de toda a Igreja.

A METODOLOGIA SERÁ NOVA

Os pobres não serão mais OBJETOS, mas SUJEITOS, PROTAGONISTAS, DESTINATÁRIOS e Responsáveis pela Catequese. Serão o ponto de referência. O espelho da caminhada. A carteira de identidade das comunidades catequizadoras e catequizandas. Muitos catequistas dos centros urbanos dizem: “Vamos catequizar a favela, os cortiços, os bairros. Eles necessitam de catequistas. Eles não sabem fazer a verdadeira catequese. São ignorantes. Coitadinhos! Eles não progridem. São atrasados”.

A mim parece que, no momento em que a classe mais abastada se propuser a: aprender, a ficar em silêncio, a contemplar as vivências, as lutas, as esperanças, a partilha, -as lágrimas, a criatividade catequéticas dos simples, estaremos vendo as primeiras flores e frutos da catequese que optou preferencialmente pelos lascados da sociedade e da Igreja.

A catequese tem, pois, uma direção. É aquela que Jesus escolheu: Belém, Nazaré, o Lago dos pescadores da Galiléia, os cegos, os coxos, os dominados e possessos pelo demônio, os doentes, os impuros, os pecadores, as crianças, os pagãos, os pastores, vendedores ambulantes, os desprezados, os leprosos, aqueles e aquelas que eram proibidos de entrar no templo - os condenados.

Jesus tinha uma opção clara: os pobres. A eles ninguém dedicava especial tempo e atenção. Para muitos membros do Povo de Deus, estar do lado deles era concordar

com a situação em que se encontravam. Tratá-los bem era mais uma desonra, motivo de achincalhão, zombaria ou rebaixamento social e religioso.

Justamente Jesus recebeu toda a carga de palavras irreverentes por ter-se colocado do lado dos fracos, dos marginalizados. Mas Ele tinha um projeto firme do Pai. Ele fazia o que o Pai queria. E o Pai jamais desprezou qualquer pobre. Os mais fracos sempre mereceram do Pai a preferência de seu carinho de mãe. O exemplo clássico é o amor que Javé consagrou ao povo escravo do Egito: os hebreus. Se não fosse a bondade e a ternura de Javé, os hebreus estariam, com certeza, ainda sob o tacão da servidão dos Egípcios.

Esta metodologia de Jesus é critério para catequese no Brasil. Ela exige muita conversão da estrutura e da pastoral da Igreja. É uma exigência e consequência de nossa fé em Cristo, que optou preferencialmente pelos fracos. A opção pelos pobres é uma característica do ser humano, que percebe que o mais abandonado é o merecedor dos primeiros socorros, dos primeiros cuidados da comunidade. Não é o mais forte que merece a nossa primeira ajuda, amizade e pedaço de pão. Não é o justo que precisa de misericórdia e sim o pecador, disse Jesus (cf. Mt 9,13). É também um critério de Deus, uma escolha do Senhor. Sempre os órfãos, as viúvas, os peregrinos não tinham acolhidas mais carinhosas do que os outros que tinham pátria, casa, pais e família (cf. Dt 24,17). Hoje, no Brasil, são muitos aqueles que necessitam do auxílio imediato e oportuno das comunidades. É só olharmos para o nosso lado e imediatamente vemos os rostos de Cristo desfigurados, sem dentes, despenteados, sem calçados, sem destino, sem emprego, sem comida.

Deus é a fortaleza dos pobres (cf. Is 25,4). A catequese deve ser o escudo, a proteção, a cidade fortificada, advogada, libertadora, acolhedora e mãe dos pobres.

Se isso acontecer em nossas comunidades, o método doutrinário, mais apegado ao texto, aos conteúdos dogmáticos, será substituído pelo método Ver-Julgar-Agir a partir dos sofrimentos, das penas e choro dos pobres. A catequese, conseqüentemente, terá nova visão da realidade. Novo olhar, novos olhos nascerão na catequese. Se tiver novo olhar voltado para a situação dos pobres, fazendo desta realidade brutal, selvagem, sofrida, conteúdo indispensável da catequese (cf. Medellín, Cat 6; CR 101; CT 29), o catequista estará no verdadeiro método e caminho traçados pelo Episcopado Brasileiro. E esta posição firme da catequese faz da realidade e da situação em que se encontram os pobres conteúdo integrante da catequese: também catequistas estarão demonstrando sua fé no Deus Conosco, no Emanuel, no Deus encarnado.

A falta de conhecimento, do uso, da percepção, do alcance transformador do método Ver-Julgar-Agir a realidade e a situação dos pobres levou os catequistas, infelizmente, a fazer uma catequese cega, surda, insensível aos clamores dos pobres tão presentes nos ouvidos de Javé e de Cristo.

A incoerência entre a ligação íntima da fé a realidade dos empobrecidos, levou a Igreja e sua pastoral global a separar-se dos mais excluídos. Isso é um escândalo em nossa fé cristã. Como podemos chamar-nos de seguidores, discípulos de Cristo, se os pobres estão à margem e não no centro? A crise que faz doer o coração da catequese é que esta incoerência é um dos fatores que ajuda os pobres a serem mais abandonados. A catequese também tem culpa na exclusão dos pobres das comunidades cristãs. Isso, é preciso superar com rapidez. Esta realidade é antievangélica. É um dos sinais que permanecem de nossa infidelidade a Jesus Cristo. Muita coisa se faz para buscar o rosto desfigurado de Cristo, limpando-o com mãos delicadas. Mas muitíssimo resta a fazer para que o rosto de Cristo seja mais autêntico.

“Sem dúvida, as situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis da liderança ideológica e da organização da convivência social e econômica de nossos povos. Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça” (Puebla, 437). Essas estruturas podem ser substituídas por outras, as que colocam a pessoa humana, especialmente a mais injustiçada, no centro de todas as nossas preocupações catequético-pastorais.

Quando olhamos a realidade à luz de Cristo, encontramos espaço para empenhar muitos cristãos em ações libertadoras.

Quando os pobres receberem o primeiro lugar e nossas salas se encherem de maltrapilhos, a catequese estará ganhando o rosto de Cristo, os pés de Cristo, o coração e a ternura de Deus. A Catequese, então, estará seguindo os passos e a metodologia do Nazareno Jesus.

Toda esta caminhada, tornamos a afirmar, exige muita reflexão, tomadas de posição proféticas e muito bem pensadas. As conseqüências são inúmeras. Requererá, com certeza, nova linguagem, novo lugar da catequese, dos formadores de catequistas. É uma GUINADA de 180 graus no processo educativo da fé das comunidades cristãs. Felizes aqueles catequistas que assim agirem, pois estão esculpindo o rosto autêntico de Cristo e da Catequese Renovada.

A CATEQUESE QUE DÁ A PALAVRA AO POVO

Até agora, quem tinha a palavra definitiva, conclusiva, final era o Clero, o catequista. O povo, de modo geral, permanecia no silêncio sepulcral. A cultura dos pobres, cheia de pérolas humanas, era algo excluído de conteúdo catequético. Quando

muito eram escolhidas algumas “motivações” da realidade, mas como objeto de “trampolim” para implantar as verdades católicas. Mas o povo permanecia às margens de todos e de tudo.

A catequese que opta pelos empobrecidos, seguindo o modelo do Filho de Deus que amou entranhadamente os excluídos, passa a palavra aos mestres: os Pobres. Quando a palavra começa a correr veloz no meio dos pobres, acontece a transformação. A catequese, pois, entabula o diálogo entre todos. Ela não é um monólogo, em que somente um sabe e os outros são ignorantes. Na catequese todos têm como contribuir. Um catequiza o outro. E todos se enriquecem com a troca de idéias. Todos têm cultura, experiências, sabedoria, inteligência e razão. E Deus fala por meio dos pobres. É preciso que acolhamos com júbilo o que Deus realiza entre os pobres. Quem não escuta Deus por meio dos pobres é surdo. E a catequese escuta os mais pobres.

O novo catequista não fala sozinho. Sendo comunicador da Palavra de Deus, “ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade” (CR 145), especialmente entre os silenciados do sistema: os marginalizados. Conversar com eles é escutar Deus.

Ouvir os pobres é fruto de nossa conversão a Deus. Quem é atento aos pobres escuta atentamente a Deus. Desprezar os pobres é estar distante de Deus. E a catequese que não ouve os pobres não é catequese cristã.

São estas algumas das conseqüências práticas no campo da catequese provindas da Opção Evangélica e preferencial pelos empobrecidos. Os objetivos são redefinidos; os recursos humanos e materiais são redistribuídos; a Metodologia é revista; a palavra é devolvida àqueles que têm sabedoria, cultura, vivências e experiências riquíssimas; o povo simples, os POBRES são escutados como mestres na catequese.

E "tudo isso numa linha não paternalista, mas **FRATERNA E RESPEITOSA**". E **O MAIS IMPORTANTE É QUE O EVANGELHO VAI ENCONTRAR ESPAÇO NO MUNDO MODERNO.**

A catequese quer resgatar a força que o Evangelho tem para transformar os sistemas que marginalizam os fracos e iletrados. Apaixonada por Jesus Cristo, a Igreja decide-se pela catequese dos pobres. E faz da catequese libertadora, promotora integral dos desfavorecidos não apenas um método, mas conteúdo. Neste caso, o método faz parte do conteúdo catequético. Por que não dar à catequese a tarefa que lhe compete de dar voz e vez ao povo simples, como Javé com o escravo e silenciado povo hebreu? Chegou a hora da catequese assumir seu papel verdadeiramente pascalizador e num processo que ajuda o povo a passar da Morte à Vida em plenitude!

O CONTEÚDO DA CATEQUESE

Segundo o instrumento de Trabalho citado bem no começo desta reflexão ("Em torno do Conteúdo da Catequese", artigo 54), afirma: "Quanto ao **CONTEÚDO**, esta opção exigirá que **MUDEMOS OS NOSSOS INTERESSES** e nossa **MANEIRA DE ENFOCAR A REALIDADE**: optamos por fazer nossos, de toda a **COMUNIDADE** cristã, os anseios do pobre, seus problemas, suas lutas, os assuntos que lhe interessam" (também confira Puebla 1159-1165).

Recordamos que de 1979 a 1983 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil solicitava um "núcleo doutrinário" para os catequistas. Em 1979, reunidos cerca de trinta catequistas brasileiros, na Faculdade Padre Anchieta, em São Paulo, começou-se a discernir o que seria o "núcleo" básico da catequese, pós-Concílio Vaticano II e pós Medellín (1968), pós Semana Internacional sobre a Catequese,

também realizada em Medellín, dias antes da III Conferência do CELAM; também refletia-se como devia ser o conteúdo catequético a partir da realidade latino-americana marcada pelo subdesenvolvimento e miséria extrema da maioria da população. A linguagem bíblico-transformadora, a catequese comunitária e de adultos, familiar e permanente marcou estes encontros nacionais e continentais. A fisionomia da catequese recebia características próprias do povo e dos empobrecidos.

Era um passo novo, histórico que a educação da fé estava fazendo e com ele várias coordenações de catequese refletiam como adequar à realidade catequética tais avanços.

OS ANSEIOS DO POVO POBRE SÃO NOSSOS

Fazendo parte do conteúdo da catequese os anseios dos pobres, comprometemo-nos a crescer na solidariedade com a maioria da população do Continente latino-americano.

Quais seriam esses anseios dos pobres? Pela situação em que se encontram: colocados na extrema pobreza, com a mesa vazia, com o corpo enfermo, sem casa, sem escola, sem terra, sem acolhida das comunidades, na plena angústia, com milhões de crianças na rua pedintes e sujas, violentadas e assassinadas pela polícia, tendo a maioria da juventude entrado na corrida das drogas e do narcotráfico, com AIDS e mil outros problemas percebemos quantos são os anseios de libertação e de respeito aos direitos inalienáveis desta população. Ter casa, escola, saúde, segurança, salário justo, trabalho, lazer, dignidade, liberdade, voz e vez são alguns dos anseios que palpitam no coração dos pobres. E tudo isso é **CONTEÚDO** indispensável da catequese. Quem fizer catequese e deixar de lado estes anseios estará comunicando um conteúdo parcial da catequese. O catecismo de Perguntas e Respostas não integrava esses

anseios em seu conteúdo fundamental. Julgava conteúdo integral somente as verdades dogmáticas. Enquanto Jesus fez da situação concreta dos abandonados parte importantíssima de sua evangelização na Galiléia. Façamos, à guisa de experiência e constatação, uma rápida visita a uma vila, a um bairro, a uma família, cujos filhos têm os pais separados, distantes, e se sentem no total desamparo. Pensemos: o que esses filhos e filhas almejam em suas vidas? Querem: carinho, amor e ternura dos pais, o pão de cada dia, escola, orientações, amizade do lar, exemplo de responsabilidade, diálogo franco e educativo, roupas, saúde, remédios e mil outras coisas necessárias para a vida deles. Todas essas coisas são parte importante da catequese. Sem os anseios dos pobres, a catequese fica desumana, sem rosto de Cristo, de Javé, advogado dos aflitos e abandonados.

Percebe-se, a partir desses pensamentos e realidades, que a catequese tem uma marca registrada: a ação transformadora da realidade dos empobrecidos. Na medida em que os pobres são promovidos, a causa do reino é definida e a catequese vai ganhando traços fisionômicos evangélicos.

Os catequistas, antes de começar a organizar a catequese da comunidade, logicamente terão de identificar os anseios dos pobres que os rodeiam. O material didático, a formação dos catequistas devem obter a face dos pobres. A linguagem, a pedagogia, as metas, os próprios textos de catequese terão a marca deles.

AS LUTAS DOS POBRES SÃO NOSSAS

Quando as lutas dos agricultores, dos operários, das empregadas domésticas, dos lixeiros, das mulheres, dos índios, dos negros, dos adolescentes foram assuntos de catequese? Agora estamos tomando cá e acolá algumas decisões claras a respeito disso. Já existem coordenações de catequis-

tas no Brasil que, em nível intelectual, fizeram algumas conquistas significativas. A passagem para a prática dessas conquistas demorará ainda certo tempo. Esses passos exigem e supõem muita conscientização e clareza por parte da comunidade. Não é de um dia para outro que a catequese irá receber a fisionomia dos lascados.

Sabemos quais são algumas das LUTAS do povo: os sindicatos, as associações de bairro, clubes de mães, roças comunitárias, hortas comunitárias, fornos comunitários, manifestações, passeatas em prol de melhorias do bairro, da vila, faixas, cartazes, folhetos são sinais dos anseios e lutas populares. Quem tem ouvidos para ouvir, olhos para ver, poderá coletar rapidamente o que está por debaixo desses símbolos e organizações.

Captar a voz de Deus que se manifesta nestas expressões do povo é coletar os traços da catequese na comunidade.

Jesus fez seus os grandes sonhos dos pobres. Quando Jesus iniciou a vida pública deu as linhas de sua ação. "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu; enviou-me para anunciar a Boa Nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor" (Lc 4,18-19). Neste texto estão as linhas básicas, a missão própria de Jesus. Os destinatários da salvação são todos, particularmente os mais abandonados, os rejeitados e condenados da sociedade: os pobres, os doentes. Eram os excluídos da cultura da época. Ninguém era obrigado a socorrê-los, pois eram manchados pela impureza. O impuro era um descartável da religião e da sociedade e do templo.

Jesus não seguiu as normas que rezavam o distanciamento dos judeus destas pessoas. Estar próximo delas era o mesmo que ser uma delas. Comer, repartir um pe-

daço de pão com elas era sinal de convivência, de concordância com suas faltas. E Jesus supera esse preconceito e faz refeições, dialoga, transformando-os em seus maiores amigos e sua própria família (cf. Mc 3,31-35).

Eis que a catequese no Brasil tem uma utopia: fazer dos lascados sua família, seus convidados ao banquete da fraternidade e da ternura. Muitos Jesus são necessários para libertar, para dar visão aos cegos, liberdade aos cativos, aos presos por mil correntes do preconceito racial, religioso, político, social.

Longas, extensas deverão ser as mesas nas quais vamos, como catequistas, partilhar as maravilhas do Evangelho, da justiça social, do amor fraterno. Muitas toalhas deverão ser destinadas às mesas para os milhões, mais de 32 milhões de pedintes e excluídos, marginalizados da sociedade capitalista, neoliberal, consumista, individualista, egoísta, desumana, antievangélica, anticristã.

Diante desta realidade crua, desafiante, a catequese tem muito pano para costurar seus planejamentos, diretrizes, metas e formação de agentes. E grande papel devem desempenhar aqueles que são os PASTORES e Coordenadores das comunidades.

As mulheres têm uma função indispensável: ensinar-nos a sermos mães do povo, filhos da justiça, fraternos e meigos, com o coração de Jesus e de Maria, com as mãos prontas para distribuir generosidade, solidariedade. O grito dos pequeninos é forte. Temos de ser acolhedores ao máximo. Vibrante deve ser nosso ardor para correremos com o máximo de velocidade ao encontro dos irmãos e irmãs, rostos desfigurados de Cristo, gritando por direitos, dignidade e valorização.

A indiferença perante tal realidade é uma resposta muito cruel. A apatia é um vício que deve ser rejeitado logo. A orga-

nização da Igreja, da Catequese é um apelo evidente e urgente.

Fazemos nosso, dos catequistas conscientes e comprometidos o juramento que o Episcopado Latino-Americano fez ao povo: "Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso continente.

Envidamos esforço para **CONHECER** e **DENUNCIAR** os mecanismos geradores dessa pobreza.

Apoiamos as aspirações dos operários e camponeses que querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a **PARTICIPAR NAS DECISÕES** que concernem à vida e ao futuro, e animamos a todos em sua própria superação" (pp. 1159-1165). Este texto mereceria estar na memória dos catequistas do Brasil. Vale como fórmula capaz de iluminar a nossa realidade. É este um juramento que todos queremos fazer e renovar para que o Brasil seja mais fiel ao plano Redentor de Cristo. A redenção do homem e da mulher é conteúdo, meta e diretriz de nossa ação catequético-comunitária.

CONCLUSÃO

Temos o sinal da presença de Cristo quando "os pobres são evangelizados" (CIC 2443; Mt 11,5). Não deixar os pobres participar dos próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Nós não detemos nossos bens mas os deles" (CIC 2446; São João Crisóstomo, Láz 1,6). Dizia São Gregório Magno: "Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas lhes devolvemos o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não tanto um ato de caridade" (Past 3,21; CIC 2446).

Quantos bens devem ser imediatamente devolvidos no Brasil pelos que roubaram, desviaram do orçamento ou tiraram

dos salários dos operários, ou foi dinheiro adquirido por meio de fraudes ou por não terem pagado impostos ou por sonegação de impostos!. Toda essa ladroeira veio prejudicar e matar muitos pobres. O rico que adquiriu fortunas injustas é, de certa forma, um assassino dos pobres.

Há muitos assassinos no Brasil, homens que tiraram o pão do prato dos pobres, deixando-os morrer à míngua.

Os pobres não existem para proporcionar um ato de caridade, esmolas. Eles existem por causa das injustiças, dos sistemas econômicos que só favorecem os ricos, suas riquezas e interesses.

Toda a catequese do Brasil deve passar por este fogo aquecedor e transformante da opção pelos empobrecidos. Esta decisão rá-

pida, libertadora é proposta a todos. Muita conversão, muita mudança catequética deve acontecer. A Igreja não optou pelos pobres e eles foram às seitas. É isto que nos faz doer a carne, os pulmões, o cérebro, o coração. Abandonamos os mais fracos e eles foram recebidos nos braços das seitas.

Os pobres devem ser os primeiros pensados e os primeiros catequistas. No meio deles, com eles a catequese vai encontrar rosto próprio. Hoje a catequese está sem rosto porque não optou preferencialmente pelos pobres. Temos de recuperar a verdadeira face da catequese, seus conteúdos, suas metas, métodos, pedagogia, meios pedagógicos, agentes, destinatários, linguagem, suas fontes e lugar. Quem vai dar-nos tais riquezas e marcas? Os empobrecidos. Então, vamos a eles logo!

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A catequese é convidada para ter o rosto e o coração dos pobres. Se isso acontecer em nossas comunidades, o método doutrinário, mais apegado ao texto, aos conteúdos dogmáticos, será substituído pelo método Ver-Julgar-Agir a partir dos sofrimentos, das penas e choro dos pobres. Tendo presentes estas considerações do autor do artigo, o que você pensa delas? Seu trabalho de catequese vai nesta linha?

2. O novo catequista não fala sozinho. Sendo comunicador da Palavra de Deus,

“ele desperta e provoca a palavra dos membros da comunidade” (CR 145), especialmente entre os silenciados. Verifique como esta metodologia é utilizada pelo seu grupo apostólico não só no exercício da missão, mas também em suas atividades internas, como por exemplo nas reuniões de comunidade.

3. Tome o índice do Novo Catecismo recém-editado e procure verificar em que medida o texto reflete os anseios do povo mais simples. O que está presente, o que precisaria ser completado?

HÁ 40 ANOS, EU VI NASCER A CRB!

Ir. Nilza Junqueira Reis, MR
Rio de Janeiro/RJ

O PRETEXTO DESTA CONTRIBUIÇÃO

– Setembro de 1993. Em Antônio Carlos nas altaneiras montanhas das Minas Gerais, o antigo seminário dos Verbitas foi palco do corajoso “MUTIRÃO sobre a Vida Religiosa do Brasil”.

– MUTIRÃO: algo característico e tradicional nosso, do povo brasileiro: trabalhar duro, construir juntos alguma coisa para o bem de todos. Um renascer da Vida Religiosa no Brasil. O objetivo foi aprofundar o momento vivido pela Vida Religiosa, sem medo de sonhar diferente, deixando o Espírito inspirar. O tema foi a Identidade da VR hoje. Tudo aconteceu em Mutirão! Muita unidade! As liturgias ricas e vivenciadas e a festa, com o colorido das lindas vestes, animaram ainda mais a construção do Mutirão.

– Momento emocionante quando na celebração final o Pe. Edênio abriu espaço para avaliação, sugestões, depoimentos. A fila junto ao microfone foi longa e rica na expressão de sentimentos, de considerações de ação de graças, de libertação e de esperança. Perpassando o olhar pelos 140 rostos jovens e/ou rejuvenescidos, despertou-me a memória e parafraseando o poeta, “Meninos, eu vi!”, sim, há quase 40 anos eu estava na fundação da CRB, no Rio de Janeiro, lá no Colégio Sion, do Cosme Velho! Num relance revi aquele belo salão, repleto de religiosas e religiosos com os tradicionais hábitos e sotainas predominando as cores preto e marrom. Aqueles

rostos sisudos e bondosos marcados pelas certezas de então, com esperança, pois algo vindo da Igreja só podia ser bom para nós. Mas mudanças profundas... Como?!

– Suponho ter sido esta uma das motivações que levaram o Pe. Edênio a pedir-me esta colaboração nos 40 anos da fundação da CRB.

CONTEXTO HISTÓRICO:

Um lembrete, uma pequena memória histórica ajuda a situar-se para melhor captar a oportunidade do nascimento da CRB.

1. OS ANOS 50

A primeira metade do século XX é de uma efervescência rara nos vários aspectos: cultural, social, político, econômico, tecnológico. Foi profundamente marcada por duas grandes guerras mundiais. O grande anseio de todos é a paz.

Ao proclamar o Ano Santo de 1950, o Papa Pio XII quis marcá-lo com uma dimensão de fé; ao proclamar o dogma da Assunção de Maria, convocou também uma série de Congressos Internacionais sobre variados temas.

O Congresso Internacional dos Religiosos realizou-se em Roma, por vontade expressa de Pio XII, de 26 de novembro a 07 de dezembro de 1950. Seu principal objetivo foi a atualização da Vida Religiosa.

Na sessão de encerramento, em seu discurso, Pio XII chamava a atenção para

aspectos relevantes tais como: o lugar das Ordens e Congregações religiosas na Igreja; a tendência à perfeição, razões para optar pelo estado religioso; obras externas e vida interior; adaptação às mudanças dos tempos (cf. *REB* XI, 1951, pp. 440-447).

2. A FUNDAÇÃO DA CNBB

Maria Carmelita de Freitas, FJ, em seu artigo-palestra sobre "Os Religiosos do Brasil nos últimos 20 anos", sublinha com maestria como faz parte da tradição da Igreja no Brasil a atitude e o afeto colegial de seus Bispos (CARAMURU DE BARROS, RAIMUNDO, *Brasil, uma Igreja em renovação*, Vozes, 1967, p. 09).

– Desde o Concílio Plenário Brasileiro, passando pelos Congressos Eucarísticos, culminará com a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a 14 de outubro 1952. Foram eleitos como Presidente o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta e Secretário Geral, o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Pessoa Câmara (QUEIROGA, GERVÁSIO FERNANDES, *CNBB – Comunhão e Corresponsabilidade*, Paulinas, 1977, p. 168).

O que significa tal fato histórico da Igreja no Brasil só poderá ser avaliado certamente a alguns anos de distância. Sobretudo quando, poucos anos mais tarde, o Vaticano II vai reforçar também teologicamente o sentido da colegialidade episcopal. Tal fato repercutiu nos demais setores do Povo de Deus suscitando e/ou legitimando iniciativas de articulação e de organização, como foi o caso dos Religiosos.

3. O PRIMEIRO CONGRESSO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

A iniciativa deste Congresso partiu de Roma. O Cardeal Valério Valeri, Prefeito

da Sagrada Congregação dos Religiosos, em janeiro de 1952, enviou uma carta ao Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, sugerindo a realização do Congresso (LEOPOLDINO DE SOUZA, IRINEU, "Congresso dos Religiosos do Brasil" (*REB*, 1954, pp. 385-391).

Em fevereiro foi constituída a Comissão Executiva do Congresso e nomeado como Secretário Geral desta o Pe. Irineu Leopoldino de Souza, SDB. Numa sala da Igreja Santa Cruz dos Militares foi instalada a secretaria do Congresso. Ao mesmo tempo se projetou a criação da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Após um ano de preparação realizou-se o Congresso nos dias 07 a 13 de fevereiro de 1954, na cidade do Rio de Janeiro. O Padre Arcádio Larraona, CMF, secretário da Sagrada Congregação para os Religiosos, participou de quase todas as sessões, assim como Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, que se interessava pela celebração do Congresso. Fez-se representar pelo seu secretário geral Dom Helder Pessoa Câmara, que acompanhou quase todas as atividades do mesmo.

– Detalhe pitoresco: desenvolveram-se os trabalhos do plenário em duas sedes. Para os Religiosos, no Internato São José, dos Irmãos Maristas, e para as religiosas no Colégio N.D. de Sion (LEOPOLDINO DE SOUZA, IRINEU, "Congresso dos Religiosos do Brasil", in *Sponsa Christi*, Vozes, abril de 1954, pp. 148-157).

– A temática articulou-se em torno de três eixos de reflexão:

* A VR perante as novas condições da vida moderna;

* As vocações e a formação;

* O apostolado dos religiosos.

– Detalhe significativo: "Durante o Congresso funcionou o Curso de Administração, iniciativa da AEC do Brasil,

estendido a todos os Religiosos pelo Congresso. A frequência de mais de 200 alunos demonstrou a necessidade e oportunidade da iniciativa, coroando-a de pleno êxito" (LEOPOLDINO DE SOUZA, IRINEU (op. cit.).

4. A FUNDAÇÃO DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

O objetivo do Congresso tinha uma dupla vertente: a articulação da VR e a organização do apostolado dos Religiosos. Essa última visava à criação oficial da CRB. Para isso, a comissão executiva elaborara, ao longo de um ano de preparação, um projeto de estatuto.

O texto foi levado a plenário no dia 10 de fevereiro, numa sessão restrita aos 53 superiores maiores presentes, na qual o projeto de estatuto foi aprovado e votado, com pequenas modificações.

A Conferência dos Religiosos foi criada para as (e os) religiosas(os), abrangendo desde o início ordens e congregações contemplativas e apostólicas. (AZEVEDO, MARCELLO DE CARVALHO, "CRB: Vinte e cinco anos", *Convergência*, 1980, nº 138, pp. 629-640)

Foi eleita a primeira diretoria:

Presidente: Dom Martinho Michler, Abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Secretário Geral: Pe. Irineu Leopoldino de Souza, SDB.

Tesoureiro: Ir. João de Deus, Provincial dos Irmãos Maristas.

Conselheiros: Pe. João Rocha, Provincial dos Jesuítas Frei Tarcísio Palazzolo, Provincial dos Capuchinhos; Madre Maria do Calvário, Superiora Geral das Missionárias de Jesus Crucificado e Madre Santa Clara Counort, Provincial da Ordem de Santa Úrsula.

No dia 11 de fevereiro de 1954, festividade de Nossa Senhora de Lourdes, a Sessão solene constituiu o ato da criação oficial da Conferência dos Religiosos do Brasil.

A sede da CRB ficou num imóvel cedido pelas Irmãs Ursulinas, ao lado do seu Colégio, na rua Farani.

A CRB tem como finalidade estatutária promover e animar a VR no Brasil, e coordenar as atividades que visem a este objetivo, por meio de iniciativas de caráter religioso, cultural e filantrópico.

A comunicação teve logo o seu instrumento na *Revista da CRB*, semente da atual *Convergência*.

O comunicado mensal da CNBB (nº 18/1954) assim se expressa: "O acontecimento tem para os religiosos do Brasil o mesmo alcance que teve, para a hierarquia, a criação da CNBB. Os dois secretariados deverão, aliás, atuar sempre na mais completa sintonia".

Outras colaborações apresentarão passos qualitativos da árdua e vigorosa caminhada da CRB.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de junho de 1994

Os marcos referenciais, isto é, as coordenadas dentro das quais a Vida Consagrada se situa, os centros estratégicos em torno aos quais ela gira e se estrutura, passam, na perspectiva da teologia, ou seja, da compreensão refletida da fé, passam, pelo *SEGUIMENTO de Jesus Cristo*, sua norma última, sua psicodinâmica, sua específica força motivacional. É pelo seguimento que a Vida Consagrada se autocompreende e se fundamenta. *SEGUIR*: ser chamado e aderir. Vocação e adesão pessoais. Quem assim entender e viver não passa ao largo da verdade adequada sobre a Vida Consagrada.

Se alguém quiser me SEGUIR, este deve:

renunciar a si mesmo, tomar sua cruz cada dia,
saber perder a vida por mim, não ter onde reclinar a cabeça,
deixar os mortos enterrar os seus mortos,
pôr as mãos ao arado e não olhar mais para tr s,
preferir-me aos pais, aos filhos, irmãos,   própria vida,
saber renunciar a tudo o que possui, não ter vergonha de mim,
não jurar nunca, dizer sempre a verdade, não mentir jamais,
amar o inimigo, perdoar até setenta vezes sete vezes (sempre),
não fazer só para ser visto pelos homens,
deixar a preocupa o demasiada com o dinheiro e a comida,
não julgar ninguém, reconciliar-se com o outro,
fazer aos outros o que gostaria que fizessem a si mesmo.

Em resumo, sem, todavia, ser abusiva redu o de idéias: renúncia de si mesmo. Aceita o do outro. Compromisso só com Deus. Mas a renúncia não é meio,   conseq ncia do amor daquele que *SEGUE*. Não há amor sem sacrifício. Não se renuncia, porém, para amar. Ama-se. Daí nasce a renúncia. Em palavras essenciais, sem se delongar nem se alongar, precisão concisa: ser como o Pai Celeste é: perfeito, sobretudo, no amor e no perdão.

Aí está parte do ideal que Cristo propõe a quem manifesta o desejo de *SEGUI-LO*.   um xeque-mate na força de nossa vontade. É um blecaute na luz de nossa inteligência. E Ele não admite meio-termo. Com assertividade messiânica de quem sabe qual a dire o certa, ele nos diz: *quem não vai comigo fica contra mim e não chega* (Mt 12,12.30).   dura esta linguagem. Grande número o deixou. E não queria mais *SEGUI-LO* (Jo 6,60.66).

Somos livres e imprevisíveis dentro de certa e irredutível medida. A errância persegue e dilacera essa condi o humana. Por isso, *pensar bem* antes de dar o passo. *Calcular bem* as coisas. Não tomar decisões precipitadas. Mas dar-lhe um voto de confiança é uma grande decisão. Ele começa a tomar conta de nossa vida. Começa em nós o reinado de Deus. Quando Deus entra em nossa história, há um novo começo, um recomeço, cujos efeitos são, gradual e inexoravelmente, sentidos.

Pensar bem... Calcular bem... Não se precipitar. Não se pode aceitar a fé sem reflexão (1 Cor 15,2). Mas, o último passo   um ato de confiança que ultrapassa todo fruto de mera reflexão intelectual. É algo muito mais profundo. Situa-se l  onde se fundem em unidade a tendência   verdade e a tendência   bondade. Nossa confiança em Cristo, nosso abandono e nossa entrega, se encontra naquela unidade primordial onde *o conhecer não   luz fria* mas compenetrado pelo amor, *e o amor não   inclina o cega* mas embebido de clara luz.

SEGUIMENTO: admira o e interesse, em nível intelectual, pela figura de Jesus, pelo seu ensinamento. Ele nos chama para uma tarefa de protagonismo, criadora de caminhos novos e insuspeitados. *Amizade e afeto*. Experiment -lo com o cora o. Ele é capaz de dar sentido a toda a existência, satisfazer às aspira es e aos anseios mais profundos. *F  e fidelidade* para além dos motivos psicológicos e puramente humanos. Apoiar-se tão-somente na esperança de suas promessas.

SEGUIR: identificar-se com Jesus Cristo para reassumir sua presença e a o, para refazer e reviver sua missão. Impregnar a vida de permanente intencionalidade evangélica. *Vida Consagrada*: seguimento de Jesus Cristo, em comunidade apostólica, para evangelizar. Credo e confiando se segue e se cr  e se confia seguindo. *Seguimento*: o apelo mais radical da fé. Um caminhar progressivo para o centro e a plenitude que   Cristo.

Desejando-lhe toda *PAZ* e todo *BEM*, com fraterna amizade e renovada estima, subscrevo-me,

atenciosamente